



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
FCH MESTRADO EM SOCIOLOGIA



JOENILZA SANTOS DA SILVA

**EMPODERAMENTO DE MULHERES NO ASSENTAMENTO AREIAS, MUNICÍPIO
DE NIOAQUE/MS**



DOURADOS 2024

JOENILZA SANTOS DA SILVA

**EMPODERAMENTO DE MULHERES NO ASSENTAMENTO AREIAS, MUNICÍPIO
DE NIOAQUE/MS**

Texto a ser apresentado em banca de defesa, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, na Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados (FCH/UFGD), como parte dos requisitos de construção da dissertação, para obtenção do título de Mestra em Sociologia.

Linha de pesquisa: Cidadania, Diversidade e Movimentos Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Marisa Lomba

DOURADOS-2024

Dedico este trabalho aos meus pais, minha mãe atualmente com 75 e meu pai com 84 anos, um casal de camponeses, pais de nove filhos, (três in memória).

Eles enfrentaram muitas dificuldades e sacrifícios para sustentarem a família e o alimento era algo conquistado através de muito suor, por meio de árduos dias de trabalho. Meu pai desbravava matas com seu trabalho braçal, tinha um cavalo que puxava arado, eles eram seus fies companheiros, a terra era preparada com muito amor e respeito pela natureza, pois dali vinha o sustento da molecada. Minha mãe, por sua vez, era uma habilidosa costureira que durante o dia acompanhava meu pai no trabalho da lavoura e ao raiar do sol quando retornava para casa se dedicava aos afazeres domésticos como cuidar da horta e galinhas e ainda não deixava faltar o delicioso biscoito de polvilho que até hoje é presente na sua mesa, sempre acompanhado de um cafezinho coado no coador de pano. Quando a escuridão da noite caía, a velha máquina de costura Singer era sua constante companheira, com uma luz de lamparina e posteriormente um lampião ela dava moldes aos tecidos, confeccionando lindas peças que eram encomendadas pelas vizinhanças e com lucro deste trabalho comprava roupas, calçados e material escolar para os filhos e às vezes até um brinquedo.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S586e Silva, Joenilza Santos Da
EMPODERAMENTO DE MULHERES NO ASSENTAMENTO AREIAS, MUNICÍPIO DE
NIOAQUE/MS [recurso eletrônico] / Joenilza Santos Da Silva. -- 2024.
Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Marisa de Fatima Lomba de Farias.
Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2024.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Assentamento Areias. 2. Mulheres Assentadas. 3. Empoderamento Feminino. I. Farias,
Marisa De Fatima Lomba De. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

JOENILZA SANTOS DA SILVA

**EMPODERAMENTO DE MULHERES NO ASSENTAMENTO AREIAS, MUNICÍPIO
DE NIOAQUE/MS**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DE TÍTULO DE MESTRE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – FCH/UFGD

Aprovada em 04 de março de 2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marisa de Fátima Lomba de Farias(Presidenta/Orientadora)
FCH /UFGD

Profa. Dra. Alzira Salete Menegat(Membro Titular Interno)
FCH/UFGD

Prof^a Dr^a Jeanne Mariel Brito de Moura Maciel(Membro Titular Externo).
FAIND/UFGD

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me guardar durante as viagens que, inicialmente, foram tão difíceis, mas, com muita fé e na companhia da minha grande amiga e companheira de curso, Marialves, consegui superar os obstáculos do trânsito e concluir o tão sonhado mestrado.

Gostaria de expressar minha gratidão à minha orientadora, Marisa Lomba de Farias, pela paciência e compreensão nos momentos de dificuldade. Ela esteve sempre disposta a me auxiliar na orientação científica, revisão do texto, opiniões, sugestões e esclarecimentos, acreditando e confiando no meu trabalho.

Agradeço também aos meus familiares e amigos que sempre se preocuparam com minha jornada, em especial à minha filha Maria Eduarda, que cuidou com amor incondicional do meu filho João Gabriel enquanto eu estava viajando, e ao meu esposo Geovanio pelo apoio. Às minhas irmãs Elizete, Vanda e Zilmar, que sempre se disponibilizaram a cuidar dos meus filhos quando eu precisei. Muito obrigada pelo apoio e sustento durante todos os momentos. Ressalto meu agradecimento a todas as mulheres do assentamento Areias que se dispuseram a participar da pesquisa, compartilhando suas histórias e experiências no processo de reforma agrária. Sem elas este trabalho não seria possível.

Agradeço a Santa Rita de Cássia, que desde a minha primeira viagem, passei na igreja e pedi que enviasse seus anjos comigo, devido uma grande insegurança para dirigir, pois não conhecia a cidade de Dourados. Muito obrigada também aos colegas do PPGS, mestrandos da turma de 2022.

Não poderia deixar de mencionar, uma pessoa maravilhosa que sempre me incentivou, apoiou e ajudou nos momentos difíceis, também por participar da banca de Qualificação e Defesa desta dissertação, com suas contribuições acertivas e imprescindíveis, Professora Alzira Salete Menegat, só tenho a agradecer a Deus por colocar pessoas como você na minha vida. Registro também meus agradecimentos a Jeane Mariel Brito de Moura Maciel, que esteve presente na Banca de Qualificação e Defesa, e contribuiu de maneira extremamente relevante com minha trajetória acadêmica. Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, agradeço por me guiarem em busca de conhecimentos.

RESUMO

Esta dissertação analisa a atuação de mulheres e ações que potencializam o desenvolvimento socioeconômico do assentamento Areias, localizado no município de Nioaque-MS. O assentamento Areias é constituído por pessoas simples que saíram em busca de uma vida melhor, ingressaram no Programa da Reforma Agrária e sonharam com a conquista de um “pedaço de terra”, onde pudessem trabalhar, construir suas vidas e criar suas filhas e seus filhos com dignidade. Neste assentamento as mulheres desenvolvem atividades laborais e contribuem significativamente para o processo de seu próprio empoderamento e de outras mulheres, marcando presença e atuação no desenvolvimento socioeconômico das famílias. Para a compreensão da formação desse lugar e a participação ativa das mulheres, elas narraram suas experiências, os desafios e as conquistas desde a época de acampamento, em que as famílias sobreviviam à beira de estradas e em barracos de lona na busca por conquistar um pedaço de chão, e ainda retrataram a participação feminina em momentos decisivos. A pesquisa contou com a análise de materiais bibliográficos sobre Reforma Agrária, empoderamento, patriarcado, teoria feminista decolonial, produção agrícola, com entrevistas abertas que contribuíram para descrever a constituição do acampamento e do assentamento e a interligação com a história das mulheres e de suas famílias, e com formulários que, também, subsidiaram as análises. Ao concluir a pesquisa, algumas considerações são importantes: nas narrativas registradas, a influência das mulheres no processo organizacional do acampamento e assentamento e nas estratégias de permanência nos lotes, foram eminentes; verificou-se a importância de discutir políticas públicas direcionadas às demandas de mulheres dentro do assentamento Areias; ao tratar da temática empoderamento feminino percebeu-se o desconhecimento do assunto pela maior parte das mulheres; o patriarcado continua vivo e atuante nas relações sociais e de gênero. Acredita-se que este tema deve ser trabalhado a partir da ótica que as mulheres são indispensáveis para construção de uma sociedade justa e democrática.

Palavras-chave: Assentamento Areias, Mulheres Assentadas, Empoderamento Feminino.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the work of women and the actions that boost socio-economic development in the Areias settlement, located in the municipality of Nioaque-MS. The Areias settlement is made up of simple people who left in search of a better life, joined the Agrarian Reform Program and dreamed of winning a "piece of land" where they could work, build their lives and raise their daughters and sons with dignity. In this settlement, women work and contribute significantly to the process of empowering themselves and other women, making their presence felt and taking part in the socio-economic development of their families. In order to understand the formation of this place and the active participation of women, they recounted their experiences, challenges and achievements from the time of the encampment, when families survived on roadsides and in tarpaulin shacks looking for a "piece of land", and portrayed women's participation in decisive moments. The research relied on the analysis of bibliographic materials on Agrarian Reform, empowerment, patriarchy, decolonial feminist theory, agricultural production, open-ended interviews that helped describe the constitution of the camp and the settlement and the interconnection with the history of women and their families, and forms that also supported the analysis. At the end of the research, some considerations are important: in the narratives recorded, the influence of women in the organizational process of the encampment and settlement and in the strategies for remaining on the plots were eminent; the importance of discussing public policies aimed at the demands of women within the Areias settlement was verified; when dealing with the subject of female empowerment, most women were unaware of the subject; patriarchy is still alive and active in social and gender relations. It is believed that this theme should be worked on from the perspective that women are indispensable for building a just and democratic society.

Keywords: Areias settlements, Women, Female empowerment.

LISTA DE SIGLAS

AGRAER - Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural
APOMS - Associação dos Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul
BR - Batalhão Rodoviário
CPT - Comissão Pastoral da Terra
FAF - Federação Da Agricultura Familiar
INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
KM - Quilômetro
MS - Mato Grosso do Sul
MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PRONERA - Programa Nacional de Reforma Agrária
SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SOMECO - Sociedade de Melhoramento e Colonização
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Momento em que a prefeita municipal é acolhida por uma acampada.	34
Fotografia 2: Momento que as famílias ocuparam a fazenda Ponteio atual assentamento Areias.....	39
Fotografia 3: Mulheres participando de reunião para tomadas de decisões.	41
Fotografia 4: Barraco de tabua, construído pelo proprietário lote 41, assentamento Areias, antes do recebimento do projeto habitacional.	42
Fotografia 5: Casa adquirida e concluída através do projeto habitacional, lote 41 do Assentamento Areias.	43
Fotografia 6: Momento em que uma mulher assentada assina documento de posse do lote como titular.....	51
Fotografia 7: Mística apresentada por mulheres no sorteio dos lotes sobre valorização da terra e a importância dos movimentos sociais na conquista da terra.....	52
Fotografia 8: Mística apresentada por mulheres no sorteio dos lotes na valorização da terra.	53
Fotografia 9: Produção de tomate orgânico e batata doce no lote da assentada Maria Cleuza dos Santos.	70
Fotografia 10: Construção do Apiário no assentamento Areias com participação de algumas mulheres.....	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Identificação das mulheres.	22
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. Escolha do Tema e os Caminhos Percorridos na Pesquisa.....	14
2. O Tema/Problema da Pesquisa	16
3. Diálogo com os Referenciais Teóricos da Pesquisa	19
4. As Mulheres Envolvidas na Pesquisa	20
5. Identificação das Mulheres envolvidas na Pesquisa	22
CAPÍTULO I.....	25
1.1 Os assentamentos de Nioaque	29
1.2 A Lutas pela Terra em Mato Grosso do Sul: conflitos e resistências.....	30
1.3 Formação do Acampamento Diamantino Futuro Assentamento Areias	32
1.4 A Chegada das Famílias na “Terra Bruta”	40
1.5 Tabocal: Área de Complementação do Assentamento Areias.....	41
CAPÍTULO II.....	44
2.1 Desafios e barreiras superados no Assentamento Areias.....	44
2.2 Transformações Cotidianas na Vida das Mulheres e de seus Familiares	53
CAPÍTULO III	57
3.1 Mulheres na Reforma Agrária: uma Jornada de Empoderamento.....	57
3.2 Mulheres que Fortaleceram a Produção Agrícola no Assentamento Areais:Desafios e Conquistas	64
3.3 A Assistência Técnica e o Processo de Produção Agrícola.....	67
3.4 Protagonismo Feminino no Assentamento Areias...Outras Vidas.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
FONTES ORAIS	87
ANEXO I.....	88
ROTEIRO.....	89

INTRODUÇÃO

1. Escolha do Tema e os Caminhos Percorridos na Pesquisa

Os motivos que me levaram a escolha do tema desta dissertação estão relacionados a muitas indagações que encontrei durante minha trajetória de vida. Sou filha de assentados, nasci e cresci no campo. Meus pais tiveram nove filhos (três em memória). Levamos uma vida difícil e cheia de obstáculos, mas nunca faltou amor, carinho, respeito e muita gratidão. E, também, um bom cafezinho coado no coador de pano, com os grãos torrados e socados no pilão, acompanhado de biscoitinho de polvilho assado no forno a lenha que até hoje a criançada da família chama de biscoito da “vó Ana”.

Minha mãe uma camponesa analfabeta nascida e criada na roça, meu pai homem muito simples, humilde, que não teve oportunidade de entrar em uma sala de aula, mas mesmo com poucas oportunidades, criou seus filhos com muito esforço e trabalho braçal, sempre ensinando os princípios de respeito e honestidade. Minha mãezinha teve uma garra inexplicável, um alicerce construído com material de primeira qualidade. Olha que já aguentou muitas marteladas! mas que serviram para o seu fortalecimento. Nessa realidade, fui educada e incentivada a buscar o conhecimento científico, tendo sempre estudado em escola pública, enfrentei as dificuldades das estradas de chão até chegar à escola, o frio ou sol ardente e alguns calos nos pés, pois na maioria das vezes não se tinha um calçado confortável para usar.

Ao cursar o Ensino Médio, me defrontei com a escuridão, pois o mesmo, naquela época, era ofertado apenas no período noturno. O local que eu pegava o ônibus para ir até a escola ficava aproximadamente 800 metros de nossa casa e a escola era localizada na sede do assentamento, com uma distância de quinze quilômetros do nosso lote. O ônibus me deixava no ponto por volta de meia-noite, e, quando meu pai ou minha mãe não tinham disposição ou perdiam o horário, para me buscar eu precisava encarar a noite sozinha, mas isso não foi obstáculo, e sim desafios que me fortaleceram.

Durante minha adolescência convivi com mulheres batalhadoras, que mesmo enfrentando as lutas do dia a dia, encaravam a vida com muito trabalho nos labores rurais, principalmente, nas lavouras de algodão. Elas trabalhavam ao lado de seus companheiros, muitas vezes, eram consideradas meras ajudantes nas lavouras e nem sempre eram notadas.

Com o decorrer dos anos, após concluir o Ensino Médio, conheci um rapaz, logo me

casei e com pouco tempo veio o nascimento da minha filha. Quando percebi o que estava acontecendo em minha vida me bateu desespero, pois o sonho de fazer uma faculdade ficava mais distante. Foi quando surgiu oportunidade de fazer o Normal Médio do Campo, curso este que me habitaria para lecionar alunos de primeira a quinta série, atualmente pré escola e fundamental I, o curso era ofertado em sistema de alternância pelos Movimentos Sociais do Campo com prioridade para assentados, assentadas e filhos e filhas dos mesmos. Deste modo, deixei minha filha ainda bebê com minha mãe, que sempre foi meu refúgio e me dava a segurança que precisava para continuar.

Durante o curso, conheci algumas lideranças e militantes de movimentos sociais e ali me encontrei e me identifiquei com as propostas dessas instituições e a cada encontro aumentava a minha paixão pelas lutas sociais. Nesse contexto eu conheci lideranças da CPT (Comissão Pastoral da Terra) e recebi o convite para fazer parte de um acampamento na região de Nioaque, chamado Diamantino. Eu, sempre corajosa, não pensei duas vezes e aceitei. Ao retornar para casa, após longos dias de estudo, juntei as poucas panelas, fogão, cama, algumas roupas e fui para o acampamento juntamente com o meu esposo, que acatou minha decisão.

Borges e Kudlavicz apresentam a história da CPT – Comissão Pastoral da Terra, no Mato Grosso do Sul, indicando o papel da Igreja Católica na consolidação da luta pela terra e como essa Instituição religiosa desenvolveu, ao longo do tempo, um trabalho favorável à luta, resistência e conquista de muitos assentamentos no Estado. Cabendo ressaltar a importância que esta entidade teve para a conquista do Assentamento Areias, que contou com a participação dela desde a época de acampamento até a instalação das famílias nos lotes.

Dentro deste contexto muitas coisas aconteceram, dentre elas me tornei professora através de um trabalho voluntário, profissão que exerço até os dias atuais, e atuei durante alguns anos no acampamento, dando continuidade depois que se tornou assentamento.

Diante de um turbilhão de acontecimentos pude conhecer e admirar a luta de muitas mulheres que buscavam incansavelmente um “pedaço de terra” onde pudessem trabalhar e criar seus filhos com dignidade. Numerosas perguntas sem respostas começaram a surgir em minha cabeça sobre diversos temas relacionados às mulheres, como: falta de políticas públicas voltadas a elas de modo que atendessem suas necessidades. O porquê de elas lutarem bravamente para a conquista da terra, mas não serem vistas e, muitas vezes, nas reuniões, poucas ousarem falar alguma coisa? Quando falavam, era de modo sucinto e com timidez, mas na hora das lutas e do enfrentamento eram como leões, fundamentais nesse processo,

mesmo sem se darem conta disso. A sociedade não tinha um olhar para essas mulheres e nem tão pouco aos seus valiosos conhecimentos religiosos, culturais e sociais.

Durante alguns anos fiz parte dessa comunidade, mas, antes de concluir o curso Normal Médio, já ouvia falar que a Universidade Federal da Grande Dourados ofereceria o curso de Ciências Sociais Licenciatura para assentados e assentadas, através do Programa do Pronera (Programa Nacional de Reforma Agrária). Em 2008 foi aberto o edital de vestibular, me escrevi e ao ser aprovada iniciei minha trajetória acadêmica.

Eu tinha sede de conhecimento, tudo era novidade, o desejo de aprender e levar conhecimento para o assentamento era muito grande e foi nesse sentido que iniciei como educadora no então assentamento Areias. Isso fez com que, o desejo de em um momento oportuno deixar registrada a história de luta e resistência das mulheres assentadas, incentivando-as a refletirem e perceberem o quanto são pessoas centrais no processo de reforma agrária e na construção social, em todos os âmbitos das sociedades e dos grupos sociais, branco, negro, indígenas ou quilombolas, de norte a sul, as mulheres são gestoras, são “persistência”, “empatia”, “resistência”, dentre tantos outros apreços.

Ao concluir a licenciatura em Ciências Sociais, havia um desejo persistente dentro de mim, retornar a universidade e dar continuidade aos estudos no curso de mestrado pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia, com objetivo de aprofundar meus estudos na temática sobre Empoderamento Feminino, tema este que discorro na presente pesquisa.

2. O Tema/Problema da Pesquisa

A minha história de vida e minha experiência como assentada e filha de assentados, foram o pano de fundo para as indagações neste percurso de pesquisa, a minha memória dialogou com a das mulheres acampadas e posteriormente assentadas. Percebi que minha história de vida faz parte da história do assentamento Areias.

Com esse sentimento, o objetivo principal foi traçado, o de pensar teoricamente o protagonismo das mulheres, analisar a atuação delas e sua representatividade no processo de construção do assentamento Areias, desde a instalação, no ano de 2008 até os dias atuais, compreendendo a história de luta pela terra, suas resistências e seus modos de vida.

Nesse assentamento elas exercem atuação fundamental, tendo vivido, em barracos de lona na beira de estradas, enfrentaram dificuldades e obstáculos, entretanto, esses não foram fatores suficientes para fazê-las desistirem dos seus sonhos.

As invisibilidades dessas mulheres são motivos de estudos e questionamentos, pois, elas nem sempre se veem como protagonistas e algumas consideram-se como “meras” parceiras de seus companheiros. Muitas delas são o alicerce familiar, trabalham na terra, cuidam de suas casas, fazem produtos artesanais, educam seus/as filhos/as, são servidoras públicas, produzem e comercializam produtos da terra como hortaliças, frango caipira, leite e outros, e ainda assim, não se reconhecem como figuras centrais e trabalhadoras rurais.

As mulheres trabalhadoras rurais devem ser consideradas primordiais na luta pela terra. No contexto atual enfrentam a fragilidade no atendimento à saúde por falta de políticas públicas, de amparo para atender às suas necessidades, além da precariedade e quase inexistência de assistência social, de educação com qualidade para seus filhos, entre tantos problemas que as sobrecarregam, acarretando debilidade na saúde e no bem-estar.

A pesquisa propõe uma análise sobre as ações potencializadoras do desenvolvimento socioeconômico do assentamento Areias, lugar onde as mulheres desempenham um trabalho significativo, e ainda marcam presença e atuam nos processos de geração de renda, transformando a vida das famílias. E, também, averiguar e registrar o desempenho das mulheres no trabalho dentro do assentamento. Associado a isso, busca-se compreender a formação do assentamento e a atuação das mulheres que se fazem presente nesse processo para, a partir da investigação, identificar a importância delas no contexto social e econômico.

Abordam-se ainda, as questões históricas da naturalização da mulher no trabalho doméstico e sua expansão no trabalho da agricultura familiar dentro do assentamento.

As mulheres do Areias atuam como protagonistas de suas próprias histórias, desenvolvem atuações/funções significativas no mercado de trabalho e na sociedade, por mais que ainda exista uma herança histórica elencada na maternidade, na fragilidade e na ideia de que estão na função de donas dos lares. Elas enfrentam uma realidade de muitas conquistas, com muitos desafios sociais e econômicos.

As reflexões possibilitaram compreender a identidade destas mulheres focando suas atuações como mulheres camponesas, especificamente numa perspectiva de dialogar com seus relatos de vida e a realidade que estão inseridas, investigando a história dos trabalhos que desenvolvem dentro do assentamento.

As mulheres envolvidas na pesquisa são moradoras que fizeram parte nos processos de conquista da terra no acampamento e de permanência no assentamento Areias, que está localizado no município de Nioaque BR 419, KM 49, composto por 81 famílias, procedentes de municípios vizinhos. Sua história se divide em dois momentos: o primeiro, quando

em 2008 foi realizado o sorteio de 63 lotes que contemplou um grupo de famílias e, posteriormente, em 2011, outras 18 famílias conseguiram que se efetivasse a distribuição de mais uma parte da área da fazenda, através de uma luta de famílias que não haviam sido contemplados na primeira etapa, juntamente com professores/as e assentados/as que tinham sido excluídos/as, com a justificativa de que servidor/a público/a não tinha direito de fazer parte do processo de Reforma Agrária. Inconformadas com a situação, as famílias buscaram apoio com a coordenação da FAF (Federação da Agricultura Familiar), juntamente com o poder municipal de Nioaque, representado pela prefeita Ilca Corral (in memória).

Nesse emaranhado de situações, são elencados tópicos considerados importantes para as mulheres assentadas, como uma prévia apresentação das entrevistadas, aspectos da luta pela terra em Mato Grosso do Sul, percorrendo o caminho até a conquista da terra onde atualmente se formou o Assentamento Areias. Na sequência a descrição da história do acampamento a partir de narrativas de mulheres que fizeram parte do processo, as quais permanecem assentadas.

Ao falar das atuações das mulheres numa construção social predominantemente patriarcal e de enfrentamento por reconhecimento, é impossível não dizer que no decorrer do processo, houve muitos avanços na perspectiva do empoderamento feminino.

Por esta razão, a categoria empoderamento é central para as análises, visto que na concepção da escritora Joice Berth (2020) “ninguém se empodera individualmente se o grupo não estiver empoderado”. Com esta pesquisa apresenta-se uma reflexão sobre as mulheres que buscam melhorias da própria vida e de seus familiares.

É importante ressaltar que as mulheres são impulsionadas a permanecerem em certa invisibilidade pelo poder masculino que impõe formas de dominação, submissão e preconceitos que afetam as subjetividades e a capacidade de valorização de si próprias. Uma estrutura histórica a ser desconstruída por toda a sociedade, visto ser inaceitável, na atualidade, a naturalização de preconceitos raciais, étnicos, de gênero, sociais e diversas violências que atravessam a vida das mulheres. E sabe-se que isso está arraigado na sociedade desde a antiguidade, principalmente no Brasil, um país de raiz patriarcal, desde a época da escravidão. (Verges, 2019).

Reforça-se a importância da epistemologia feminista decolonial pautada na reflexão e ação contra o patriarcado e como alicerce das lutas revolucionárias. Em outras palavras, as teorias decoloniais contribuem para afirmar o direito à existência digna das mulheres, o reconhecimento de seu trabalho produtivo social e econômico.

Conforme Verges (2019), o empoderamento feminino é um processo de construção de autonomia e afirmação, com o objetivo de questionar, desestabilizar e, finalmente, desconstruir essa ordem imposta pela sociedade machista que trata as mulheres como objetos e não considera sua função essencial na construção social e econômica, seja no trabalho, na família ou na sociedade civil, de modo geral.

3. Diálogo com os Referenciais Teóricos da Pesquisa

Inicialmente, foi efetivado um estudo bibliográfico sobre autores e autoras que investigam a temática da pesquisa e poderiam subsidiar tanto teoricamente, quanto para a coleta de dados em campo e na realização das entrevistas. Para isso, definimos dialogar com um grupo de sete mulheres assentadas, que responderam questões em um formulário, para as análises e reflexões sobre o tema em questão. Essas mulheres são testemunhas vivas do processo histórico e de construção social do Assentamento Areias, e com esta pesquisa, se está elaborando fontes orais, impressas e bibliográficas, sobre a história desse assentamento e de seus integrantes.

As mulheres de assentamentos, especialmente aqueles de Mato Grosso do Sul, fizeram parte do coletivo organizado em luta no percurso de conquista da terra, como destacam, Menegat (2008, 2009), Farias et al (2015), Perbelim e Farias (2015), dentre outros referenciais teóricos. Em seus estudos demonstram como as mulheres criam estratégias para motivar a concretização da reforma agrária, mas nem sempre são percebidas como geradoras de renda e autônomas em suas atuações. Essa invisibilidade ocorre pelo fato de que o trabalho das mulheres, em grande medida, não é remunerado e o resultado não é contabilizado no sistema de produção e geração de renda.

No caso dos assentamentos, os estudos de Menegat (2009) e Ricco (2020), em Mato Grosso do Sul, demonstram que o nome das mulheres sequer constava no título de propriedade dos lotes, uma conquista efetivada em 2007, quando o INCRA passou a incluí-los seus nomes como primeiras titulares, seguidas pelos companheiros. Da mesma forma a pesquisa de Nunes (2020), no assentamento Colônia Conceição em Nioaque, registra a atuação das mulheres naquele lugar.

Entendemos que os dilemas vividos pelas famílias no processo de conquista dos lotes nos assentamentos, bem como aqueles que vivenciam após serem assentadas, nas estratégias para permanecerem nos lotes, tem nas mulheres a maior importância, porque elas

oportunizam meios para geração de renda e de esperança para a permanência na terra.

É possível verificar e reconhecer muitos avanços, mas também desafios e persistências que as mulheres enfrentam, especialmente no que diz respeito à garantia plena da igualdade de gênero. É importante destacar que a Carta Magna de 1988 trouxe avanços notáveis para as mulheres, reconhecendo e garantindo seus direitos fundamentais e entre os mais relevantes podemos ressaltar a igualdade de direitos e obrigações, proibindo qualquer forma de discriminação pautada na questão de gênero, direito ao planejamento familiar, que garanta às mulheres o poder de decidir livremente sobre o número de filhos e o espaçamento entre eles, além de ter acesso a métodos contraceptivos e ao aborto em casos de estupro ou risco de vida para a mãe.

Assegura, ainda, o direito à saúde como um dever do Estado, garantindo o acesso igualitário a tratamentos, medicamentos e atenção integral à saúde das mulheres, bem como proteção específica à maternidade, estabelece uma série de direitos trabalhistas, como a igualdade de salários e a proibição de discriminação no ambiente de trabalho, possibilitando às mulheres condições equitativas e seguras para exercerem suas atividades profissionais.

A Constituição Federal de 1988 determina que haja uma cota mínima de 30% de candidaturas femininas nas eleições proporcionais, buscando promover a representatividade das mulheres nos espaços de poder. É importante que os governantes invistam em políticas públicas que combatam estereótipos discriminatórios, investindo em medidas educacionais de igualdade, prevenção e combate à violência de gênero, bem como o estímulo a medidas que garantam igualdade salarial e oportunidades de ascensão profissional.

É imprescindível frisar que a Carta Magna assegura as bases legais dos direitos das minorias, portanto faz-se necessário a efetivação dessas legalidades, apontando para uma sociedade justa e igualitária, na qual todas as pessoas tenham direitos, liberdades e respeito assegurados, diante de um contexto de enfrentamentos e desafios.

4. As Mulheres Envolvidas na Pesquisa

As mulheres do Assentamento Areias atuam nas diversas frentes na organização do assentamento e de suas vidas, fazendo com que ocorram mudanças nos dilemas sociais. Indaga-se, ainda, sobre o conjunto de obstáculos que permeiam a vida dessas mulheres, bem como sua relação com a melhoria da qualidade de vida familiar e a efetiva participação nos processos decisórios da sociedade.

Para registrar esta realidade de maneira a compartilhar conhecimentos e considerar as emoções, as dificuldades, enfim, as nuances da vida cotidiana dessas mulheres, optamos pela metodologia qualitativa. Conforme Martins (2004), mais do que qualquer outra, levanta questões éticas, principalmente, devido à proximidade entre pesquisador e pesquisados.

Na mesma perspectiva, Duarte (2002) aponta:

[...] pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semi-estruturadas. Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado. A descrição e delimitação da população base, ou seja, dos sujeitos a serem entrevistados, assim como o seu grau de representatividade no grupo social em estudo, constituem um problema a ser imediatamente enfrentado, já que se trata do solo sobre o qual grande parte do trabalho de campo será assentado. (Duarte, 2002. p. 141)

Para a autora, o trabalho de campo deve ter planejamento, relação de respeito e segurança entre os envolvidos na pesquisa, e ainda, as entrevistas são importantes para alcançar os resultados pretendidos. Ao optar por uma pesquisa qualitativa é necessário saber que não é algo fácil, mas sim um trabalho desafiador. Essa metodologia busca a compreensão e a interpretação de diversos fenômenos sociais com os quais o/a entrevistador/a pode se deparar. A autora ainda destaca a importância de vivenciar a realidade dos entrevistados para que seja possível compreender com mais profundidade, com a necessária manutenção da ética e do profissionalismo.

A entrevista foi uma das técnicas utilizadas e prioritária para ouvir as narrativas das próprias mulheres que passaram pelos barracos de lona, e lutaram por uma perspectiva de dias melhores para elas e suas famílias, tema de relevância acadêmica e social, visto que, elas estão transformando dominações históricas, que se acreditavam arraigadas no tecido social, difíceis de serem modificadas.

É imprescindível que o/a pesquisador/a tenha um olhar imparcial e não influencie nas respostas do entrevistado - até mesmo porque, durante o momento de trabalho de campo, é possível ocorrer situações delicadas como assuntos direcionados à saúde, violência, orientação sexual, desigualdade entre tantos outros. Assim deve-se agir com responsabilidade e sensibilidade, respeitar o tempo do/a entrevistado/a, evitar qualquer exploração e exposição do sujeito. Ressalta-se ainda que o/a entrevistado/a precisa ter conhecimento para quais fins suas informações serão utilizadas, de modo que ele/a dê consentimento.

Para isso, utilizou-se gravadores com posterior transcrição, respeitando a linguagem de cada uma. Foram ouvidas as seguintes mulheres.

5. Identificação das Mulheres envolvidas na Pesquisa

Tabela 1: Identificação das mulheres.

Nome	Nascimento Idade	Escolaridade	Nº de Filhos	Estado Civil	Acesso Pronaf Mulher	Ocupação	Participa de associações
Cleusa Gonçalves deOliveira	20/03/1964 59 anos	4º Série/Ens. Fundamental	05	Viúva	Sim	Assentada Produtora Rural	Não
Izaura Gonçalves Reis	13/02/1953 70 anos	4º série	02	Viúva	Sim	Assentada Produtora Rural	Não
Maracilva Damasceno Ferreira de Barros	06/07/1971 52 anos	Pós-graduada	02	Casada	Sim	Professora /Pedagoga	Sim
Maria Aparecida Bezerra	65 anos	3º série	04 (02 <i>in</i> <i>memoria</i>)	Casada	Sim	Assentada Produtora Rural	Não
Maria Cleusa dos Santos	04/05/1972 51 anos	6º série	03	Casada	Sim	Assentada Produtora Rural	Sim
Marina Veríssimo deAraújo	22/10/1969 54 anos	4º série	03	Viúva	Não	Assentada Produtora Rural	Não
Maria Rosa Nascimento	24/10/1956 67 Anos	3º série	07	Casada	Não	Assentada Produtora Rural	Não

Fonte: Elaborado pela autora

Para o levantamento de dados, aplicamos um formulário direcionado ao grupo composto por sete mulheres. Os assuntos abordados foram relevantes para o resultado da pesquisa, visto que a escolha por essas mulheres vai ao encontro dos objetivos, uma vez que, elas são assentadas, passaram pelo processo de acampamento e produzem em seus lotes. As

entrevistadas autorizaram o registro dos dados apresentados no quadro acima, elas sentiram-se motivadas a participarem da pesquisa acreditando que os trabalhos acadêmicos podem colaborar na busca por conhecimento e na melhoria de vida no assentamento.

O formulário trata de questões pessoais, experiências e vivências específicas do grupo em questão, como por exemplo, as dificuldades enfrentadas no barraco de lona na beira de estradas, despejos e um desejo em comum, que era a conquista de um “pedaço de terra”. Foram feitas perguntas abertas e fechadas que trataram dos seguintes aspectos: inserção no processo de Reforma Agrária, perspectivas de resistências e lutas, desafios e barreiras enfrentados na formação do Assentamento, gestão no assentamento, lideranças e empoderamento feminino.

Além dos formulários, analisamos imagens cedidas pelas mulheres, que retratam o período de formação do assentamento desde a época do acampamento e momentos importantes, fontes essas que dialogam com as informações coletadas na pesquisa de campo e proporcionaram um melhor entendimento sobre os fatos e acontecimentos registrados por elas ou familiares.

A leitura das imagens foi efetivada sob a ótica apresentada por Martins, ele defende a fotografia como fonte de pesquisa, pois “[...] a câmera e a lente permitem ver o que, por outros meios não podem ser vistos [...]” (Martins, 2008, p. 184). O retrato possibilita ir além, visto que a sociedade atual é muito visual, e nesse sentido a fotografia permite guardar uma memória que com tempo pode ser perdida.

O trabalho de campo possibilitou entender a formação do assentamento Areias e a atuação das mulheres na composição do lugar, com uma compreensão do passado e do presente e as perspectivas para o futuro. Atualmente, as parcerias com diferentes órgãos têm possibilitado a entrada da tecnologia no processo de produção, movido pela atuação das mulheres.

No decorrer dos anos, a tecnologia tem sido uma importante parceira para as mulheres do Areias que contam com esse avanço. Os meios de comunicação e a chegada da internet propiciaram o acúmulo de estratégias de mudança, favoreceram o acesso a conhecimentos relacionados à esfera de seus direitos e de técnicas para a atividade de produção nos lotes, divulgação de produtos derivados da agricultura familiar, bem como contato com pessoas para a comercialização dos produtos.

Para a estrutura da dissertação e a composição das análises foram definidos três capítulos.

O primeiro Capítulo, intitulado Apontamentos sobre a Luta pela Terra no Estado de Mato Grosso do Sul, apresentará aspectos do percurso da luta pela terra no estado de Mato Grosso do Sul, ressaltando a importância e a resistência feminina no processo de Reforma Agrária. Além disso, serão referidos os desafios e as dificuldades enfrentadas pelas famílias no acampamento até a conquista da terra.

O segundo Capítulo, tem como título A Contribuição das Mulheres Assentadas no Assentamento Areias, nele será apresentado a importância das mulheres na formação social e o seu protagonismo nas lutas em diferentes contextos históricos, principalmente no processo de Reforma Agrária, no enfrentamento aos desafios em um contexto de transformações que ocorrem cotidianamente na vida das famílias assentadas e das próprias mulheres, como um todo.

Com o título Mulheres e a Agricultura Familiar, no terceiro Capítulo trazemos uma reflexão sobre as mulheres e a agricultura familiar no assentamento Areias, e como fortalecem a produção a partir de lutas que as tornam símbolos de persistência, garra e muito esforço para a construção social, ao lado de seus companheiros na “luta” por um pedaço de chão onde pudessem se fixar e tirar o sustento para sua família.

CAPÍTULO I

A LUTA PELA TERRA E A FORMAÇÃO DE ASSENTAMENTOS DA REFORMA AGRÁRIA EM NIOAQUE



Neste capítulo serão apresentados aspectos da história da Luta pela Terra em Mato Grosso do Sul, a partir de apontamentos teóricos relevantes para a compreensão da composição agrária do estado. Momento esse que se inicia a formação dos movimentos sociais com o objetivo de promover mudanças na realidade social e política para a melhoria de vida para a população em condições de vulnerabilidade.

O início da luta pela terra em Mato Grosso do Sul não tem uma data específica, seu surgimento teve várias origens, em diversos locais. Sua história é composta pela soma de acontecimentos que se desenvolveram especialmente a partir de 1978, como exemplos alguns encontros entre agricultores/as sem-terra, que se reuniram para discutir seus problemas e se organizaram de forma coletiva na busca por conquistar uma área de terra para produzir seu próprio alimento.

[...] Nos estados do Sul, as pequenas propriedades já não ofereciam o sustento para grandes famílias; jovens e adultos migraram em busca de novas áreas para plantio no estado do Paraná e nos estados das regiões Norte e Centro-Oeste brasileiro. Esses se organizaram exigindo políticas do governo para promover uma reforma agrária que lhes disponibilizasse terra e condições de vida e trabalho. [...] (Zanchett, 2007,

A CPT foi uma das organizações em defesa da reforma agrária em Mato Grosso do Sul, importante mediadora e liderança para a organização das famílias, constituiu-se no espaço organizativo central e manteve projeção das lutas pela conquista da terra, em vários estados do Brasil. Apesar de acentos e nuances diferentes, cientistas sociais, economistas e políticos do Brasil concordam num ponto: os conflitos no campo, as migrações em massa para áreas ainda não desbravadas da região amazônica e a rápida urbanização devem ser atribuídas, principalmente, à difusão das relações de produção capitalista nas áreas rurais do Brasil.

Segundo apontamentos de Miranda (2010), a Comissão Pastoral da Terra (CPT) sempre esteve ligada aos aspectos referentes à luta pelos menos favorecidos. Na luta pela terra em Mato Grosso do Sul, efetivou sua missão juntamente com a Igreja Católica, fundamental na organização e mobilização dos trabalhadores, na denúncia das violações de direitos humanos e na defesa dos direitos dos camponeses. Uma luta marcada pela exploração, violência, concentração de terra nas mãos de poucos, os grandes latifúndios e a grilagem de terras, aspectos esses que sempre foram um mal a se combater e que ainda se estabelece neste estado.

A CPT foi emblemática nos enfrentamentos como uma frente de resistência a favor dos trabalhadores rurais e da justiça social. A luta pela terra neste Estado foi iniciada diante de um contexto político e econômico que favoreceu a elite agrária, destaca-se, ainda, a influência de grandes latifundiários, do agronegócio e do poder político na manutenção da desigualdade no campo.

[...] Em especial em Mato Grosso do Sul é possível verificar que a maior parte dos agentes da CPT ou que atuam em parceria com a CPT são católicos, sejam religiosos ou leigos. No surgimento e trajetória da CPT no Estado, o papel da Igreja Católica é bastante forte. (Zanchett, 2007, p. 54).

No final do ano de 1982 reuniram-se no município de Taquarussu/MS, agricultores, posseiros, arrendatários, enfim pessoas excluídas do sistema agrário, por não terem um pedaço de terra para tirar o sustento de sua família. Naquele município, num encontro promovido pela CPT, discutiram formas de lutar e estratégias para buscar o apoio da sociedade, pois estavam convencidos que abaixo-assinado não adiantaria. A experiência havia demonstrado que o governo não estava disposto a atender suas reivindicações.

Era preciso utilizar formas mais efetivas, por esse motivo, decidiram organizar uma

ocupação. Conforme Carnoy “[...] a concepção de que os indivíduos, coletivamente, devem ser capazes de determinar as leis que os governam é tão antiga quanto às próprias ideias dos direitos humanos e da democracia.” (Carnoy, 1988, p. 20) Sendo assim é possível analisar que as pessoas buscavam meios para superar o descaso por parte da sociedade e do próprio governo, destacando que haviam necessidades urgentes nos aspectos políticos, sociais, econômicos entre tantos outros, onde muitas famílias já estavam perdendo a esperança de dias melhores.

Segundo Miranda (apud Kudlavicz, 2000), aproximadamente 1200 famílias de arrendatários, assalariados, posseiros, desempregados da cidade, pessoas que haviam sido expulsas do meio rural, devido a substituição pelas novas tecnologias introduzidas nas fazendas com financiamentos do Governo Federal, se tornaram vítimas da política agrária do governo militar.

No final de 1983, havia o registro do levantamento de áreas de fazendas que poderiam ser ocupadas por não estarem cumprindo com sua função social, ou seja, não utilizavam a terra para uma efetiva produção, em especial, sustentável; não foi constatado o uso racionalizado dos recursos naturais e a preservação das matas e rios.

Conforme aponta o dossiê da Santa Idalina disponível no acervo digital da CPT/MS¹, havia uma área de latifúndio, de 18 mil hectares, denominado Santa Idalina, no município de Ivinhema, sob domínio da empresa SOMECA (Sociedade de Melhoramento e Colonização). O movimento levou alguns meses para se organizar e assim iniciou o processo de luta pela terra em Mato Grosso do Sul. Em torno de 1500 famílias, no dia 29 de março de 1984, ocuparam uma área de 8.762 hectares de terras. No dia 28 de abril de 1984, em Mundo Novo a polícia militar tentou impedir a saída de um comboio que se preparava para a ocupação. Os caminhões seguiram para o norte rumo a Ivinhema e os policiais para o sul achando que a

¹ Conforme Zanchett (2017, p. 76) o Dossiê Santa Idalina trata-se de um grupo de 208 documentos arquivados em uma única pasta, encontrada no acervo documental da CPT/MS. Não há registro de autoria desse dossiê, nem da data em que os materiais foram organizados, mas é possível deduzir que a pasta tenha sido organizada na década de 1990, pelo padre Alfeu Prande. A pasta Dossiê Santa Idalina foi trazida do escritório da CPT/MS em Campo Grande para o escritório de Dourados em 2013, junto com parte da documentação histórica da entidade, sendo que muitas pastas estavam assinaladas com o nome do padre Alfeu, indicando que haviam sido arquivadas por ele. No Dossiê Santa Idalina encontramos cartas, anotações, cartões postais, documentos oficiais e outros papéis que registram fatos relativos à ocupação e despejo da Gleba Idalina, no município de Ivinhema. O mesmo se encontra disponível no link www.cptms.org.br / CEDOC Alfeu Pradel

fazenda a ser ocupada estava em Japorã.

Na madrugada do dia 29, o comboio chegou à margem do rio onde estava o alvo das ações. Com a polícia no encalço, as dificuldades só aumentavam, mas mesmo diante de tantas situações armaram o acampamento. A notícia chegou à imprensa e também ao secretário de Segurança do Estado. A ordem era para que os sem-terras deixassem a área imediatamente. Diante da situação, os acampados procuravam acelerar as negociações. Os latifundiários foram rápidos: entraram com pedido de reintegração de posse e no mesmo dia o batalhão se preparou para o despejo. A tática do governo era levar os acampados para suas cidades de origem, isolando-os.

[...] Em 14 de maio de 1984, ocorreu o despejo sob forte chuva. Mesmo cercados pela Polícia Militar, que vinha derrubando os barracos e acuando as famílias para as margens do rio Guaraí, os sem-terra só aceitaram remover seus pertences após a chegada do bispo Dom Teodardo e do advogado que acompanhava o caso. [...] (Zanchett, 2007, p. 79).

Isso seria a derrota dos sem-terra, mas Dom Teodardo, bispo da Diocese de Dourados, ofereceu uma pequena área de Quatro hectares pertencente à igreja no município de Glória de Dourados. Ali, as famílias poderiam permanecer juntas e continuar sua luta.

A Comissão Pastoral da Terra, seguindo sua missão, voltou a organizar o acampamento e arrecadou alimentos nas paróquias, formaram comissões de mulheres, educação, saúde e jovens, diversas entidades lhe deram apoio.

[...] Conforme a Diocese de Dourados acolheu metade do grupo de sem-terras, aproximadamente 500 famílias, em uma área na Vila São Pedro, distrito de Dourados/MS. Em setembro, grande parte dessas famílias foi levada ao assentamento provisório Padroeira do Brasil em Nioaque. [...] (Zanchett, 2007, p. 80).

Após cinco meses de negociações entre idas e vindas, finalmente o governo propôs comprar uma área de 2.500 hectares de terra no município de Nioaque para um assentamento provisório, isso porque os lotes não alcançariam o módulo mínimo do exigido pela lei de terra, oferecendo áreas com 5 hectares para cada família. Esta área foi adquirida pelo Departamento de Terras e Colonização de Mato Grosso do Sul- TERRASUL, por doação da empresa de serviços agropecuários de Mato Grosso do Sul – AGROSUL, conforme escritura pública de doação, em 25 de outubro de 1984, matrícula 1.404, registro 02.

E assim se deu a origem do primeiro assentamento do município de Nioaque, denominado Padroeira do Brasil. A base econômica do assentamento é a pecuária com

destaque ao gado de corte e gado leiteiro, a agricultura é desenvolvida apenas em algumas propriedades somente para subsistência.

[...] Nesse processo histórico, sem dúvida, a reivindicação da terra a partir da ocupação, converte-se no principal instrumento de acesso à terra. São resultados dessas ocupações, as centenas de assentamentos rurais espalhados pelo Brasil. O limite imposto pelo capital ao acontecimento de uma reforma agrária mais contundente, como política de Estado, representa, também, o limite dos avanços alcançados pelos movimentos socioterritoriais camponeses na contemporaneidade [...] (Camacho, 2022, p. 38).

Conforme o autor, o processo de ocupação de terra em Mato Grosso do Sul tornou-se o principal meio para a classe trabalhadora adquirir um pedaço de chão, com esse intuito que muitas famílias enfrentaram os barracos de lona na esperança de alcançar uma vida melhor.

1.1 Os assentamentos de Nioaque

Nioaque está localizado, a 180 km da capital Campo Grande, tendo como municípios vizinhos Guia Lopes da Laguna, Sidrolândia, Anastácio, Aquidauana e Maracaju. É conhecida como a cidade das vogais, pois o seu nome contém todas as vogais. Conforme aponta Dalmolin (2016) Nioaque foi criado em 08 de Abril de 1849 e em 18 de Julho de 1890, definitivamente, o Distrito de Nioaque, conquista a sua emancipação política-administrativa, com a criação do próprio Município.

Vejamos as imagens abaixo que apresentam a composição dos grupos que compõe o município.

Mapa 1- Localização dos Assentamentos, Comunidades Quilombolas e Terras Indígenas de Nioaque.



Fonte: Prefeitura Municipal de Nioaque, (2019). (Apud, Brás, 2022)

Atualmente Nioaque conta com nove assentamentos rurais, sendo eles Areias, Padroeira, Colonia Conceição, Boa Esperança, Anda Lucia, Uirapuru, Santa Guilhermina, Palmeiras e Colonia Nova, duas comunidades quilombolas sendo Araújo Ribeiro e Comunidade Cardoso e uma área de terras indígenas que compõe três aldeias, sendo elas: Brejão, Água Branca e Cabeceira. A base econômica do município, de modo geral, está alicerçada na pecuária de corte. O assentamento Padroeira do Brasil é o mais antigo, o mais recente é o assentamento Areais, que surgiu da reivindicação de famílias da vizinhança, que também almejavam o acesso à terra. Desse desejo, originou-se o acampamento Diamantino que após tantos conflitos resultou em assentamento, agregando 81 famílias.

1.2 A Lutas pela Terra em Mato Grosso do Sul: conflitos e resistências

A luta pela terra foi pautada em intensos conflitos agrários. Desde o processo de colonização, a terra já era utilizada como um instrumento de favorecimento à desigualdade social. O estado de Mato Grosso do Sul tem raízes alicerçadas na concentração de terra do Brasil, com a predominância do latifúndio, da monocultura, com destaque ao agronegócio. É um território marcado por disputas e conflitos agrários entre fazendeiros, posseiros, sem terras e indígenas. O estado é conhecido por sua extensa área rural e pela produção de grãos (milho e soja) e carne bovina.

Porém, por trás desse crescimento econômico está uma realidade de desigualdade social e injustiça no acesso à terra. Os conflitos agrários têm diversas facetas, uma delas é demarcação das terras indígenas.

Podemos acrescentar a presença de inúmeros trabalhadores rurais sem-terra, que buscam conquistar um “pedaço de chão” onde possam produzir e conseguir o sustento da sua família. Movimentos sociais como o MST (Movimentos dos Trabalhadores Rurais sem Terra) têm forte atuação no estado, promove ocupações e pressiona o poder público pela Reforma Agrária.

A redistribuição de terras de forma justa, pode contribuir para a diminuição de intensos conflitos marcados por derramamento de sangue e violência. No entanto, a luta pela terra em Mato Grosso do Sul é complexa e enfrenta obstáculos políticos e econômicos. Atualmente o agronegócio tem impactado e tornado mais difícil a implementação de políticas de Reforma Agrária que atenda a demanda do povo sem-terra.

Se faz necessário que os governantes repensem as políticas públicas para efetivas,

garantindo o direito à terra, seja para trabalhadores rurais sem-terra, indígenas ou outras comunidades tradicionais, pois é fundamental para o desenvolvimento sustentável e a justiça social na região. Conforme aponta Ricco (2020) o alto grau de concentração fundiária em MS, demonstra que a política agrária no estado foi insuficiente para superar os desafios decorrentes da expansão do desenvolvimento capitalista no meio rural, e aumentou os impactos socioeconômicos causados pela modernização da agricultura.

A ocupação de terras é uma estratégia utilizada pelo MST para denunciar as injustiças e desigualdades no campo, essas atitudes têm o objetivo de chamar a atenção para o latifúndio e a exploração dos trabalhadores rurais, além de pressionar o Estado a fazer cumprir a Constituição Federal, que prevê a função social da terra e a produção de alimentos para quem tem fome. As ocupações de terras são uma resposta necessária frente à ausência de políticas efetivas por parte do Estado para promover a redistribuição de terras, garantindo a dignidade e o direito à terra de milhares de famílias sem-terra.

De acordo com a pesquisa de Melo (2017) o surgimento do MST em Mato Grosso do Sul está ligado ao marco histórico de ocupação no município de Ivinhema em 1984, da gleba Santa Idalina. Essa ocupação marcou a luta pela terra no estado de MS, devido aos conflitos entre trabalhadores e a polícia e por dar início a organização de camponeses e trabalhadores rurais.

Por meio de suas lutas, conquistas e derrotas, o MST² se consolidou na atualidade como maior movimento socioterritorial no campo brasileiro e na América Latina. Em Mato Grosso do Sul, no contexto do latifúndio e da exploração dos trabalhadores no campo, o MST e outros movimentos socioterritoriais lutam por justiça e reforma agrária. Neste sentido, a ocupação de terras é a principal e mais polêmica ação estratégica do MST. (Melo, 2022, p. 144)

O Mato Grosso do Sul é marcado por um histórico de violação dos direitos no que tange à distribuição de terras e disputa por este território. É importante ressaltar, no entanto, que a ocupação de terras também é alvo de polêmica, principalmente por parte dos setores

² O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, também conhecido como Movimento dos Sem Terra ou MST, é fruto de uma questão agrária que é estrutural e histórica no Brasil. Nasceu da articulação das lutas pela terra, que foram retomadas a partir do final da década de 70, especialmente na região Centro-Sul do país e, aos poucos, expandiu-se pelo Brasil inteiro. O MST teve sua gestação no período de 1979 a 1984, e foi criado formalmente no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, que se realizou de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, no estado do Paraná. (Caldart, 2001).

conservadores da sociedade. Para esse grupo, trata-se de uma prática ilegal que desrespeita o direito de propriedade privada. Contudo, é necessário considerar que o direito à propriedade não pode se sobrepor ao direito à vida, à dignidade humana e à justiça social.

1.3 Formação do Acampamento Diamantino Futuro Assentamento Areias

Segundo a senhora Cleuza, assentada do assentamento Areias, em meados de agosto de 2000 algumas famílias moradoras do município de Anastácio-MS começaram a discutir a necessidade de adquirirem um pedaço de terra, onde pudessem tirar o sustento para sua família, tivessem liberdade e dignidade para criarem e educarem seus filhos.

Sendo assim, se reuniram com mais algumas famílias residentes no município de Aquidauana e formaram um acampamento em frente à fazenda Padroeira do Brasil no município de Nioaque, permanecendo ali durante sessenta dias. Visando à aceleração do processo, decidiram acampar em frente à fazenda Diamantino, nome atribuído ao acampamento. Conforme as palavras da assentada Cleuza³:

[...] Nós ficamos vinte dias acampado lá na frente da fazenda, aí em uma madrugada de muito frio, um juiz do município de Anastácio juntou as tropas dele de polícia tudo armada e aí chegou para nos despejar, mandou nós sair de lá. Aí nós não sabíamos pra onde ir, ficamos preocupados, muito desesperados sem saber o que fazer, as polícias não respeitavam ninguém: nós mulher e as crianças, os velhos, nós fomos tratados iguais aos bandidos. Logo chegou um caminhão e levou nossas coisas para a delegacia de Anastácio e no outro dia aí cada um foi buscar suas coisas. Nós não tínhamos onde ir aí ficamos dormindo no sindicato e aí logo nós fomos de novo acampar no quilômetro dez, perto da cidade de Anastácio, onde nós ficamos por oito meses. Neste período, nós passamos por muitas dificuldades e logo nós fomos acampar em outra área e mais uma vez fomos despejados e levados para as margens do rio Acogó, que fica na BR 262, entre Anastácio e Miranda. Quando eu fui acampar eu sonhava em poder conquistar um pedaço de terra que fosse meu, mas não imaginava que eu ia sofrer tantos problemas, quando o caminhão foi levar minha mudança para o acampamento ele quebrou e nós chegamos muito tarde. Não tinha barraco, aí nós passamos a noite no relento da escuridão já que não havia energia, eu estava com minhas três crianças e dormimos embaixo de uma árvore. Era bem grande nós colocamos as coisas embaixo e agasalhamos por ali. [...](Cleuza Gonçalves de Oliveira. Entrevista realizada em 02/04/2023).

Após algum tempo, já cansada das idas e vindas. O seu pai estava idoso e encontrava-se acamado devido a uma lesão no fêmur, foi necessário retornar para a cidade de Anastácio. Não tinha como permanecer no acampamento vivendo diversas dificuldades, sem

³ Não foram realizadas correções ao transcrever as entrevistas com a decisão de manter conforme as mulheres fizeram as suas narrativas.

saneamento básico, não tinha água potável, nem mesmo energia elétrica, além da instabilidade de moradia em barracos de lona, ela se afastou da luta por um período de oito meses.

No acampamento, a luta não parava e os acampados cansados de esperar decidiram ocupar uma nova área denominada Balança. O fazendeiro, rapidamente, mandou cortar a água, deixando-os em uma situação muito difícil, mas ao resolver o problema, novamente foram despejados e levados para as margens do rio Acogo.

A FAF e CPT, organizações sociais que têm como principal objetivo defender os direitos dos/as trabalhadores/as rurais, denunciar as injustiças cometidas no campo contra aqueles que vivem em condições vulneráveis e que, na maioria das vezes, são vítimas do latifúndio e da concentração de terra, lutavam bravamente para que o INCRA realizasse uma vistoria em uma fazenda chamada Ponteio no município de Nioaque, BR 419, KM 49. Após essa etapa, o resultado indicava a improdutividade da terra e que ela seria encaminhada para Reforma Agrária. Estas organizações informaram aos coordenadores do acampamento que deram a notícias aos acampados. E sem pensar duas vezes, acreditando que o sonho estava próximo a ser realizado, as famílias juntaram suas poucas bagagens e partiram para acampar no corredor da Fazenda Ponteio.

Ao saber da mudança do acampamento e com a vida mais organizada, a senhora Cleuza retornou para o acampamento. Acompanhada por três filhos pequenos em idade escolar, viveram muitas dificuldades, entre elas o enfrentamento com o fazendeiro vizinho que não permitia a entrada na fazenda para buscarem água nas minas. Para dificultar a vida das pessoas acampadas, ele soltou muitos bois e colocou choque elétrico na cerca que dividia o acampamento da fazenda, mas isso não foi obstáculo para aquelas famílias que, insistentemente, acreditavam na luta pela terra.

A prefeita municipal, Ilca Corral, se tornou um porto seguro para aquelas famílias, pois ao saber da situação se colocou em prontidão para ajudar e estabeleceu, dentro do acampamento, uma extensão da escola Edson Borque localizada no Assentamento vizinho que atendia alunos da rede municipal da 1ª a 8ª série do ensino fundamental, em turmas multisseriadas. A prefeitura enviou um carro pipa para a distribuição de água e atender às famílias acampadas, uma vez que a água das minas da região já estava contaminada por ser destinada ao consumo do gado e pela ocorrência de fortes enxurradas naquele período. Cleuza conta que:

[...] As crianças tinham muito vômito e diarreia, eram uma virose que se espalhava rapidamente, com isso foi preciso criar uma farmácia com atendimento de primeiros socorros, para atender aqueles que arruinava ligeiro, ficando sobre os cuidados de uma amiga nossa que todo mundo chamava de “Cidona” ela era muito boa, coração enorme não se incomodava de atender o povo de graça e não cobrava nada. [...] (Cleuza Gonçalves de Oliveira. Entrevista realizada em 02/04/2023).

A entrevistada lembra muito bem que naquela época a coordenação do acampamento estava sobre a responsabilidade da FAF representada na pessoa do senhor Vicente Damasceno. Ele, em meados de 2005, conquistou um lote no assentamento Boa Esperança e passou a coordenação do acampamento para a acampada Andrea Cirlene da Cruz Leite.

Os tempos foram difíceis, mas não fizeram as pessoas desistirem, muitas vezes o fazendeiro vizinho – proprietário da área que dava acesso ao acampamento, colocava cadeado no portão da entrada da fazenda impedindo a entrada das famílias. Quando isso ocorria, o socorro vinha por parte da prefeita municipal que, muitas vezes, cortava o cadeado autorizando o acesso, isso ocorreu muitas vezes. Vejamos uma foto que retrata a visita da prefeita ao acampamento, no momento no qual a acampada Isaura que, inclusive, participou da pesquisa, acolhe a senhora Ilca Corral em seu barraco no acampamento, localizado no corredor da fazenda do Boi Bom na BR 419, Km 49.

Fotografia 1: Momento em que a prefeita municipal é acolhida por uma acampada.



Fonte: Foto cedida pela assentada Maracilva Damascena, registrada em 10/06/ 2005.

No ano de 2006, foi publicado, um decreto de liberação desta área, sendo o mesmo cancelado, devido irregularidades na documentação. Em seguida, a comunidade pediu a substituição da coordenadora que não mais atendia às expectativas dos acampados, e o

senhor Zeferino “in memória” assumiu a coordenação do acampamento. Com alguns meses de trabalho, ele não se sentia seguro com a coordenação da FAF, então pediu apoio à coordenação da CPT, entidade que apoiou a comunidade desde o início.

Por fim, os acampados decidiram pela divisão do acampamento e, por meio de votação o resultado foi: 47% das famílias ficaram sob a liderança da FAF e o acampamento recebeu o nome de Diamantino, e 53% das famílias permaneceram com a CPT formando o acampamento Areias.

O grupo FAF decidiu se mudar e acampar em frente ao assentamento Padroeira do Brasil. Os acampados da CPT continuaram no mesmo local e começaram as formações sobre espiritualidade, questões relacionadas à área pretendida, agroecologia, regimento para a organização, educação, saúde, entre outros.

No mês de novembro de 2007, os acampados foram informados de que o processo já estava concluído, e a área havia sido conquistada. Como diz Cleuza:

[...] Foi uma alegria muito grande e nos ocupamos definitivamente a fazenda. Entramos, levando porcos, quem tinha vaca levou também, cavalos, galinhas. Aí quem tinha condição melhor foi preparando uns pedacinhos de terra e plantando feijão, milho, feijão de corda, mandioca e outros produtos da terra. Aí assim a gente pressionava o INCRA para cortar logo os lotes e cada um ir pra seu canto. Nós sabíamos que ainda ia sofrer muito, mas já era bom estar dentro da terra que ia ser nossa. [...] (Cleuza Gonçalves de Oliveira. Entrevista realizada em 02/04/2023).

Na sequência, a segunda entrevistada Entrevista realizada, senhora Isaura Gonçalves, 70 anos, viúva, mãe de duas filhas, considerada a matriarca do assentamento. Em uma conversa muito emocionante repleta por lágrimas e sorrisos, foi possível perceber as angústias, dores e alegrias, uma narrativa importante para ampliar o registro da vida no acampamento.

Ela conta que morava e trabalhava em uma fazenda na região do Pantanal, e através de um primo do seu esposo foi informada sobre a possibilidade de conseguirem um pedaço de terra. O seu esposo ficou um pouco preocupado com o que enfrentariam futuramente e não aceitou participar.

Ela, muito insistente, conseguiu convencê-lo e, após quinze dias, chegaram em Aquidauana e, através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, fizeram o cadastro e logo foram chamados para o acampamento, em frente a fazenda Diamantino, que futuramente tornou-se o nome do acampamento. Como diz Isaura:

[...] Mas teve muito despejo, menina, se for te contar nós vai ficar o dia inteiro. Eu vou contar só algumas parte porque eu esqueço, mas se eu lembra eu te conto depois. Teve uma vez que foi de madrugada um frio lascado e as polícias tirou nós no chute. Tratava nós igual malandro. Nós ficou dormindo no sindicato de Anastácio e aí nós foi acampar lá no quilômetro dez, nome que eles chamava o lugar.. [...] (Isaura Gonçalves. Entrevista realizada em 11/06/2023).

Entre idas e vindas ela narra conta um dos momentos mais difíceis, um dos despejos ocorridos neste acampamento, quando cerca de sessenta policiais chegaram e começaram a destruir tudo. Como narra a senhora Isaura:

[...] Difícil falar, foi um momento difícil. O juiz falou que quem tivesse lá depois de cinco horas da tarde ia ser preso e aí meu companheiro começou ajudar o povo e quando nós viu já era quatro horas e meu barraco tava em pé só que aí eu falei vai embora a polícia vai te prender deixa eu sozinha que eles não vai ter coragem de me prender porque eu ia ficar com minha menina que é minha netinha ela tinha quatro ano, aí ele ficou por ali quando foi perto da hora ele foi embora, mas ficou escondido atrais de uma moita me cuidando para ver o que iam fazer comigo. Só que aí chegou umas polícias muito boa de Miranda e ficou com dó de mim. Ajudou desmontar o barraco e arrumar as traia, um polícia disse assim: vamos cuidar dessa lona que a senhora vai precisar. Só sei falar que eles acabaram foi ajudando eu agasalhar tudo no caminhão até meus cachorros. Depois nós chegou em Aquidauana já era onze horas da noite, aí eles falou: onde vamos descarregar as suas coisas, eu falei: eu não tenho onde pôr, aí ele falou: então vamos para o pátio da delegacia, e aí tocamos para lá. Aí ele falou: e a senhora com essa criança tem onde ir? eu falei: sim. Aí pedi que ele para eu mexer nas coisas que tava em cima do caminhão, ele falou não, eu disse sim vou mexer, ele não, eu falei eu vou mexer sim, ele disse: a senhora é teimosa hein?! aí eu disse: eu preciso da bolsa de roupa da menina e meus cachorros vai mixar tudo [risadas], aí ele pegou, desceu os cachorros e minha bolsa e eu saí. No outro dia sete hora tava lá de novo. Meus trens tava tudo bagunçado acho que eles tava procurando arma. [...] (Isaura Gonçalves. Entrevista realizada em 11/06/2023)

Na delegacia, a senhora Isaura encontrou uma liderança do acampamento e foi comunicada sobre uma nova ocupação e de lá foram para o córrego Acogo. Diante de todo um histórico de luta, a entrevistada conta que, no ano de 2002, as famílias acampadas foram comunicadas sobre a possibilidade de liberação de uma área de terra localizada no município de Nioaque próxima ao córrego Areais, nome também da fazenda. Então, logo as famílias se organizaram e ocuparam essa área, mas por um longo período ficaram acampados em um corredor que dava acesso a fazenda pois, não podiam entrar, caso contrário, perderiam o processo. Isaura em sua narrativa disse:

[...] Aí eu vim, mas foi triste demais, meu companheiro era diabético e perdeu a visão dos dois olhos [lágrima, silêncio]. E aí eu me tornei os olhos dele, fazia tudo para cuidar dele, mas era difícil, deu uma chuva muito grande e enxurrada entrou nos barracos, no meu mesmo molhou um monte de coisa e virou uma sujeirada, muita lama, e aí no domingo as irmã dele veio visitar ele e ficaram

inconformadas, querendo levar ele para tratar, mas ele não queria ir. Ai eu fiz a comida e falei para elas que eu ia torcer uma roupa, mas na verdade eu sai para elas conversar um pouco sozinha com ele para não achar que era eu que não deixava ele ir. Aí quando eu cheguei ele falou: se você for comigo eu vou. Ai eu falei: tá bom, eu vou para te cuidar, e fui. Aí eu vinha de vez em quando, aí um dia eu deixei ele com a irmã dele lá em Aquidauana e vim aqui cuidar as coisas. Aí chegou um taxi para me buscar e minhas meninas dentro, minhas netas, aí falou que ele tava internado, era para cuidar dele. Aí eu fui chegando na casa lá em Aquidauana a menina perguntou cadê a tia. Aí minha sobrinha falou: “tá lá no lugar que arruma os mortos”. Aí já não vi nada, desmaiei de tanta dor de perder ele. Aí quando eu voltei do desmaio, aí sube tudo, mas fazer o que né, tinha que aguentar. Só que assim, antes dele ir morar com Deus ele me fez prometer que nunca abandonaria a luta pela terra, pois aquele sofrimento enfrentado por nós era o único jeito de conseguir um pedaço de terra para garantir o futuro da minha neta, que é tudo para mim, me cuida, se preocupa comigo, pois depois que perdi meu companheiro eu nunca vou encontrar um homem como ele. Ele me conhecia pelo olhar, sabia o que eu queria. Foi um amor único e verdadeiro que jamais vou ter em minha vida. Por isso eu amo meu pedaço de terra e minhas coisinhas, pois foi luta de nós dois [...] (Isaura Gonçalves. Entrevista realizada em 11/06/2023)

Nessa emocionante narrativa, a entrevistada nos contou que após tantas lutas, em 2007 houve a liberação para adentrarem a fazenda na qual pleiteavam um lote. Sem medo e preocupação fizeram seus barracos, mesmos diante de tantos obstáculos, insegurança, sem acesso às estradas, ao transporte e à água. A fazenda foi ocupada em 2008 e o tão sonhado sorteio ocorreu, Isaura conquistou seu pedaço de chão, realizou a promessa feita ao seu esposo falecido.

Aqui fica registrada a emocionada narrativa da luta pela terra, de uma mulher guerreira que não mediu esforços para buscar os seus sonhos e, atualmente, mora no assentamento, produz alimentos para subsistência familiar e comercializa o excedente.

O lote pertencente a entrevistada, conta com criação de porcos, galinhas e gado, além de produção de abóbora feijão, mandioca, mamão, limão, laranja entre outros e tem animais de estimação como cachorro e gato. Ela tem uma pequena horta onde produz verduras e algumas plantas medicinais como boldo, alecrim, citronela, erva cidreira, hortelã, entre outras. No decorrer das entrevistas é perceptível a emoção das mulheres ao rememorem os momentos de dificuldades enfrentados no acampamento, mas também, aqueles prazerosos nos momentos de conquistas.

[...] A História Oral, na avaliação de Carneiro (2012), deve ser vista como importante ferramenta por buscar compreender as transformações ou mudanças que ocorrem na sociedade, em um grupo social ou mesmo no modo de vida das pessoas. Assim, permite o entendimento de valores culturais, espirituais e sociais cultivados por um agrupamento humano. (Carneiro, 2012, Apud, Branco, 2020, p. 13). [...]

As entrevistas orais se constituem em fontes importantes para uma pesquisa, uma vez

que, são subsídios para a compreensão das informações coletadas, elas permitem que o pesquisador obtenha informações diretamente daquele que vivenciou determinada situação ou experiências.

Há a possibilidade de compreender não apenas o que ocorreu, mas como aquilo aconteceu e qual foi o impacto na vida da pessoa entrevistada. Permite ao pesquisador ir além daquilo que ele pretende saber, ademais, uma das principais vantagens da entrevista oral é a capacidade de registrar as vozes daqueles que muitas vezes são ignorados pela história oficial.

A mulher sem terra ou assentada almeja ser reconhecida, a entrevista nesse sentido, abre um leque de oportunidades e permite que suas histórias sejam contadas e valorizadas, ouvidas por uma sociedade que, frequentemente, se nega a reconhecer sua importante participação em diversos aspectos sociais.

No entanto, o uso de entrevistas como fonte de informação também apresenta alguns desafios, como por exemplo, as divergentes interpretações que o ser humano é capaz de ter. Além disso, o pesquisador pode querer ouvir apenas aquilo que lhe convém e não necessariamente, refletir sobre a realidade que lhe foi imposta pelo entrevistado.

Dialogar com mulheres assentadas é algo gratificante, pois elas nos proporcionam ultrapassar o que se espera encontrar nas narrativas sobre suas vidas, suas famílias, em relação às questões religiosas, vizinhanças, receitas, lutas e conquistas.

Ao realizar a pesquisa, chegando nas casas das mulheres com as quais dialogamos, foi rara a casa em que não nos foi oferecido um bom cafezinho feito na hora ou até um “rango” como elas se referem ao almoço. Elas compartilharam experiências e dificuldades por viverem em um ambiente, predominantemente, masculino e relataram as “batalhas” enfrentadas diariamente. É importante ressaltar que o trabalho coletivo e a união são importantíssimos para enfrentar os desafios do dia a dia.

As mulheres produtoras rurais têm muitas preocupações, pois, além do bem estar familiar, elas se preocupam com a produção de alimentos saudáveis para colocar na mesa de sua família. A entrevista tem a função de levar o pesquisador a entender um pouco sobre a realidade enfrentada por esse grupo que luta para a construção de um mundo mais justo e igualitário.

Cabe lembrar que essas mulheres são conhecedoras de muitos acontecimentos, nos quais partilharam tristezas e alegrias, sendo elas provas vivas de uma sociedade carregada de preconceitos e ambições, testemunhas de um sistema patriarcal que aliena e domina, como

referido no dito popular “manda quem pode, obedece quem tem juízo”.

As assentadas buscam superar essa expressão alienante, considerando que em suas narrativas é perceptível um sentimento de resistência e coragem no enfrentamento ao fazendeiro, ao poder público, aos policiais, entre outras representações do patriarcado.

Fotografia 2: Momento que as famílias ocuparam a fazenda Ponteio atual assentamento Areias.



Fonte: fotos cedidas pela assentada Mara Silva Damasceno- registrada em 12/12/2007.

Na foto acima vemos as mulheres como presença atuante em um momento importante para história do assentamento. Após adentrar na fazenda elas participaram de reuniões para decidir o futuro do assentamento, especialmente no que se refere a questão de acesso aos lotes e abertura de poços para oferta de água potável. Elas não tiveram receio, não apresentaram medo, mostraram a coragem e o desejo de conquistarem o que tanto almejavam. Nesse sentido a importância dos registros imagéticos, para ilustrar memórias, como destaca Ciavatta:

[...] O sentido da fotografia vai além do objeto fotográfico e da imediatez da comunicação visual. A mediação se situa no campo dos objetos problematizados nas suas múltiplas relações no tempo e no espaço, sob a ação de sujeitos sociais. (Ciavatta, 2012, p.37). [...]

A fotografia é uma valiosa fonte de pesquisa, pois documenta visualmente momentos importantes na vida de uma pessoa ou até mesmo um momento histórico de uma determinada época e/ou grupo social. Através dela, é possível obter muitas informações, mas para isso é importante avaliar sua autenticidade e procedência, bem como o contexto em que foram produzidas. Em geral, a fotografia é uma fonte rica e diversificada de conhecimento, que podem ser exploradas de diversas maneiras. Todavia, é preciso ter cuidado para não tomar as imagens como verdades absolutas sem verificar sua procedência e autenticidade.

1.4 A Chegada das Famílias na “Terra Bruta”

Ao chegarem à terra bruta em 2008, as famílias enfrentaram muitas dificuldades, pois encontraram somente matas, não havia estradas, poços d’água, entre outras dificuldades, contudo, eram e são pessoas corajosas e sabiam que a luta estava apenas começando.

Cultivaram as terras com serenidade e respeito, com seus conhecimentos de como preservar as matas e água existente na área. As famílias desbravaram as matas e plantaram suas lavouras, abriram estradas, fizeram poços manuais até encontrar água, tudo com trabalho coletivo e braçal, pois essa forma de agir fazia parte do coletivo das pessoas.

Alguns anos depois, o Governo Federal, através de programas como Crédito Inicial, Fomento Mulher, PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), começou a liberar créditos para os assentados. As famílias foram construindo suas casas de madeira ou alvenaria, furaram poços, fizeram cercas, estradas secundárias, e com um pequeno incentivo do governo ampliaram suas roças.

No início as famílias trabalhavam apenas para o autoconsumo, mas com a liberação dessas linhas de crédito, facilitando a aquisição de gado leiteiro, assim como a formação de pastagens e a construção de cercas e mangueirões, além de práticas da agricultura, elas começaram a produzir em maior quantidade, chegando até a comercialização e com isso a situação financeira foi melhorando.

E, neste momento, as mulheres começaram a se empoderar e buscaram, através da prefeitura municipal, atendimento médico semanal dentro do assentamento, demandaram a presença de agentes comunitários de saúde para atender as demandas das famílias, a construção de escola para atender as crianças da comunidade, entre outros pontos relevantes para a melhoria da qualidade de vida das famílias e da própria comunidade. Vejamos novas imagens desse processo.

Fotografia 3: Mulheres participando de reunião para tomadas de decisões.



Fonte: fotos cedidas pela assentada Mara Silva Damasceno- registrada em 10/01/2008

A fotografia acima nos remete a um contexto social no qual as mulheres registraram a sua participação em um momento decisivo para o assentamento, a escolha da empresa que foi licitada para construção das casas conquistadas pelo programa Minha Casa Minha Vida. É possível perceber que elas analisaram a busca por alternativas que, consequentemente, trariam benefícios para o grupo, pois as mulheres assentadas não pensaram apenas em si mesmas, mas no coletivo, ou seja, em toda sua vizinhança. A construção de casas de alvenaria traria conforto familiar.

1.5 Tabocal: Área de Complementação do Assentamento Areias

No ano de 2008 quando houve o sorteio dos lotes no Assentamento, apenas 63 famílias foram contempladas, sobrando algumas famílias e professores acampados que não conseguiram acessar a terra, pois o quantitativo de lotes não contemplou todos acampados. Porém no ano de 2009, através do apoio da prefeita municipal e da coordenação da FAF, foi conquistada uma área denominada Tabocal, devido à grande quantidade de taboca, uma espécie de bambu utilizado para construções, cercas, esteiras e até mesmo para a confecção de alguns objetos artesanais existentes no local. Sendo assim, algumas famílias que haviam

ficado sem conquistar o tão sonhado pedaço de terra, foram contempladas.

No ano seguinte, o INCRA fez a vistoria e o corte dos lotes beneficiando 18 famílias, de modo que o assentamento passou a contar com 84 famílias. A luta de todas as famílias continuou e, devido à falta de apoio governamental, muitas delas não tinham nem uma casa decente para morar. Além disso, mesmo assentadas em seus lotes, ainda havia irregularidades e moravam em barracos de lona e sapé. Com decorrer dos anos e algumas reivindicações por parte de assentados, nas associações que haviam criado e grupos de produtores, houve a vistoria e regularização das parcelas, como consequência, aqueles que não possuíam casa de alvenaria foram beneficiadas com uma casa de quatro peças, sendo: dois quartos, sala e cozinha e um banheiro.

Fotografia 4: Barraco de tabua, construído pelo proprietário lote 41, assentamento Areias, antes do recebimento do projeto habitacional.



Fonte: Imagem registrada e cedida pelo senhor Geovanio da Silva, morador do lote 68 do Assentamento Areias, em 09/07/2023

Fotografia 5: Casa adquirida e concluída através do projeto habitacional, lote 41 do Assentamento Areias.



Fonte: Imagens registrada e cedida pelo senhor Geovanio da Silva, morador do lote 68 do Assentamento Areias, em 09/07/2023

As imagens 04 e 05 representam a comparação entre tempos diferentes, com a mudança de vida das famílias que foram contempladas com o projeto de auxílio moradia através do Programa do Governo Federal, oportunizando habitação digna e qualidade de vida para os assentados. A conquista da residência pelas famílias do Assentamento Areias foi um marco muito importante na vida dessas pessoas, que viviam em situação de vulnerabilidade, pois representou o reconhecimento de um direito que todo indivíduo tem, de acesso à moradia de qualidade. Através do trabalho coletivo e da organização comunitária, essas famílias fizeram valer seus direitos e transformaram a realidade em que viviam.

Na construção das moradas, muitos assentados se envolveram e participaram ativamente e, era comum trocarem dias de serviço com a vizinhança, uma família ajudando a outra, relações que foram fundamentais para o fortalecimento dos laços entre os moradores e a criação do sentimento de pertencimento à mesma comunidade.

CAPÍTULO II

A ATUAÇÃO DAS MULHERES ASSENTADAS NO ASSENTAMENTO AREIAS



2.1 Desafios e barreiras superados no Assentamento Areias

Neste capítulo, será apresentada uma análise sobre a importante atuação das mulheres no processo da reforma agrária e indagações sobre a invisibilidade sofrida por esse grupo, visto que, se questiona dentro dos assentamentos e acampamentos o porquê das mulheres pouco aparecem. Segundo Cordeiro (apud Portela; Silva, 2004), a invisibilidade das mulheres como sujeitas da produção e da reprodução na agricultura familiar é um mecanismo útil para perpetuar as desigualdades de gênero. Em grande parte, as lideranças e associações, são formadas por homens, mesmo sendo elas as que sempre estão envolvidas em momentos relevantes como reuniões, ocupações, assumindo as frentes das lutas, expondo suas vidas e de seus filhos nos enfrentamentos com fazendeiros e policiais. Dentro do lote elas resolvem a maioria das questões burocráticas e ainda não são reconhecidas como protagonistas do processo.

Através do pensamento de Bergamasco (1997) é possível contextualizar o cenário em que acontece a vida dos assentados, tendo uma visão dos desafios e das dificuldades que são impostas às mulheres e que elas precisam enfrentar para a conquista da terra. Duval (2009) aborda o trabalho das mulheres em relação aos serviços domésticos,

elas, além de trabalharem na agricultura, são responsáveis pelos afazeres da casa e demais serviços relativos ao lar que proporcionam melhores condições de vida a toda a família.

Segundo Woortmann (1993), as mulheres são as detentoras e guardiãs dos valores culturais e sociais dentro de seus grupos, sendo elas também as que exercem a função de cuidados em relação à saúde, através de seu conhecimento das ervas medicinais, do cultivo e da administração de remédios e proteção, que se estendem além de suas famílias.

De acordo com Brumer (2004) as mulheres assentadas concebem o acesso à terra como uma relação positiva do bom estado nutricional das famílias, já que cuidam da produção da alimentação. Ainda segundo Brumer (2004), elas, também, vão em busca de obter renda quando produzem e comercializam, ou quando têm emprego fora do lote, o que as leva a priorizar essa obtenção de renda ao invés do trabalho no lote.

Para Amorim (1997) as mulheres conquistam espaços no campo com o seu trabalho rural, sendo que através de suas atuações conseguem contribuir com relevância para a geração de renda de suas famílias, propiciando melhores condições de vida aos seus. Lamarche (1993) aborda a agricultura familiar com um enfoque na presença da mulher, adentrando no universo do trabalho rural, desbravando as dificuldades e os limites na luta por dignidade e subsistência.

De acordo com Galizoni e Ribeiro (2001), o trabalho feminino nas comunidades rurais é reconhecido e aceito como prática laboral, no entanto, para os homens, o serviço das mulheres é apenas um complemento ao seu e não um trabalho independente. Segundo Silva & Rocha (2010) o maior desafio a ser enfrentado e vencido são as desigualdades na divisão sexual do trabalho. Nesse sentido, ressaltam que as mulheres exercem um papel fundamental na agricultura familiar.

A partir do pensamento de Oliveira (2007) muitas mulheres ainda não se reconhecem como trabalhadoras rurais, bem como o seu próprio trabalho, por acreditarem erroneamente que o trabalho feminino não remunerado se caracteriza como trabalho complementar, assim, deturpa-o em relação ao masculino, perdendo o valor e a significância como realmente tem. Butto e Hora (2008) retratam as mulheres no processo de Reforma Agrária no Brasil, e versam sobre sua função como gestoras de lutas, resistências e persistências na conquista da terra e, conseqüentemente, por qualidade de vida, justiça social e cidadania.

Silva e Rocha (2010) ao estudarem o trabalho da mulher na agricultura familiar no estado do Amazonas, nos permitem fazer uma analogia com as experiências das mulheres do assentamento Areias, no tocante à concepção e consciência dos desafios que lhes são

impostos, favorecendo uma compreensão sobre as atuações das mulheres assentadas que trabalham incansavelmente ao lado de seus companheiros, ou mesmo sozinhas, na busca por melhores condições de vida para criarem e educarem seus filhos.

Por essa razão e por considerar as mulheres como protagonistas da vida familiar no assentamento Areias, reconhecendo sua atuação como fundamental na luta pela terra, pela dignidade, pela subsistência e pela qualidade de vida, esta pesquisa está calcada nas suas narrativas de experiências, superação, êxitos, lutas e resistências; mas, sobretudo, por terem fé na vida e esperança em um novo tempo. A certeza de que o trabalho honesto, justo e solidário pode construir um mundo melhor.

A Constituição Federal Brasileira de 1988, documento jurídico que rege as leis deste país, assegura que homens e mulheres têm direitos iguais, apesar disso, infelizmente as mulheres na sociedade atual ainda sofrem com preconceitos, discriminação e desigualdades.

As mulheres como sempre, exerceram importante atuações na sociedade e no assentamento Areias elas desenvolvem atividades significativas para a geração de renda de suas famílias. Elas são fundamentais nas lutas, nos enfrentamentos e nas dificuldades, bem como, atuantes nas resistências. Desde a época de acampamento, momento no qual as famílias sobreviviam passando por diversas necessidades que marcaram o processo histórico do assentamento Areias, diante de despejos, doenças, e até enxurradas⁴ que afetaram seus barracos, sem terem onde abrigar e proteger seus filhos e entes queridos, a persistência pela conquista da terra falava mais alto.

Essas mulheres eram insistentes nas decisões importantes, fizeram e fazem parte do processo, sempre se destacando na luta, sonhando e buscando dignidade, onde pudessem conquistar seus anseios e comemorar suas vitórias. Segundo Pitanguy (1981), historicamente, a maior participação da mulher na esfera extra doméstica esteve sempre ligada às tomadas de decisões. Elas participavam ativamente das discussões em que estavam em jogo os interesses da comunidade.

O Assentamento Areias é marcado pela experiência de famílias que acreditaram e ousaram enfrentar diversas situações na conquista pela terra. E assim, acamparam em

⁴ Significa uma grande quantidade de água que se acumula devido vultosas chuvas que podem provocar inundações e danos significativos, inclusive transporte de dejetos contaminados provocando danos à saúde humana.

barracos de lona e palha com paredes de pau a pique, por algum tempo às margens de estradas; quando puderam adentrar as terras da Fazenda Areias, ali permaneceram um longo tempo, até que no ano de 2008 houve o tão sonhado sorteio dos lotes ocorreu e foram contemplados e definitivamente reconhecidos pelo programa de Reforma Agrária e pelo INCRA. Ali construíram suas vidas, pisaram no chão, um tanto desconhecido, e começaram um árduo, duro e longo trabalho manual, braçal, estratégico para formar pastos e lavouras e tirar o sustento de suas famílias.

E a mulher sempre ocupou diversos espaços, sonhando e acreditando em dias melhores como narra a senhora Maria Rosa ao ser indagada sobre a importância da criação do Assentamento Areias. Uma narrativa necessária considerando a sua riqueza de detalhes subjetivos:

[...] Para nós foi uma bênção. Eu vim para o acampamento nem lembro o ano, porque a gente morava na cidade e toda a vida meu pai criou a gente no sítio. Então, toda a vida eu tinha um sonho de ter um pedacinho de terra. Eu morava na cidade e eu resolvi. Falei: não, eu quero ir para o acampamento para mim pegar uma terra. Eu tinha toda a vida um sonho de ter minha terrinha. E com esse assentamento eu consegui realizar. Mais a maior dificuldade aqui foi água, por nós buscava no galão na cabeça, a gente tinha que buscar a água longe, né? Até nós já adquirimos poço para ter a água, também não ter escola, só que também é difícil para vir a escola aqui para dentro do assentamento, por causa dos alunos que é pouquinho, se um médico viesse atender pelo menos uma vez na semana também era bom. Eu gosto de plantar coisa simples: abóbora, melancia, mandioca, banana, eu crio galinha, umas cabeças de vaca também. Dessas coisas eu só vendo gado, também nem tem quem compra, as galinhas são para a despesa. [...] (Maria Rosa do Nascimento. Entrevista realizada em 12/ 12/2023).

A entrevistada relata que dentro do assentamento já teve algumas capacitações oferecidas pelo SEBRAI, ao ser questionada quais seriam esses cursos ela aponta: “Ah, nós tivemos um curso de medicina, de remédio caseiro, sabão, pão, essas coisas, teve, eu participei, mas não aprendi”.

Ao decorrer do diálogo dona Maria Rosa relata que nunca foi beneficiada com projetos do governo como afirma ela:

[...] Eu não peguei, não, até hoje eu estou se batendo para ver se eu consigo. Disse que eu tenho direito, mas não sei por que não pego se é meu. Diz que vai sair agora nesse ano que vem agora que nós estamos entrando agora em janeiro, diz que vai vir esse projeto pra nós. A mulher até falou que as outra pegou três, três de pouco e agora o nosso vai vir parece que oito mil. Nois precisava se organiza melhor porque as mulheres, acho que tem a voz ativa, é mais os homens mesmo. As vezes ohomem, porque sempre quem vai buscar, igual quem foi buscar aquele trator mesmo, é mais homem porque a mulher não consegue. Eu penso que se as mulheres se arrumassem uma associação dava mais certo porque mulher quando fala vamo, vamo mesmo.

Aí vai chamar um, chamar outro e aí dá certo. Vamos atrás, né? Na questão da saúde mesmo, as mulheres mais preocupadas, escolas de filhos. [...] (Maria Rosa do Nascimento. Entrevista realizada em 12/12/2023).

Quando nossa entrevistada foi questionada sobre o conceito de trabalho respondeu:

[...] Eu acho que trabalho de vez em quando. O ano passado mesmo que eu estava operada das vistas, tinha uma mandioquinha ali no mato, eu capinei ela todinha. Mas agora com esses dias secos, sem estar chovendo, não tinha como a gente trabalhar, né? Eu trabalho, um pouquinho, mais trabalho. Penso que trabalhar é importante, porque é tipo uma fisioterapia para a gente, é bom pra gente ter as coisinhas tipo um feijão miúdo, um maxixe, uma abóbora, uma melancia, uma fruta, então eu acho tão gostoso estar trabalhando, mexendo numa horta, tudo isso eu gosto de fazer. Dentro de casa eu também trabalho faço a comida, limpeza. [...] (Maria Rosa do Nascimento. Entrevista realizada em 12/12/2023).

Ao finalizarmos o diálogo com a senhora Maria Rosa, perguntamos sobre a temática igualdade de gênero e empoderamento, e ela pontuou que nunca ouviu falar e que não saberia responder sobre o assunto.

A entrevista com a senhora Maria Rosa levantou pontos importantes sobre as condições de vida no assentamento, em especial das mulheres, como a falta de acesso a recursos básicos, como água potável, educação e saúde, que são essenciais para a sobrevivência de uma família. Além disso, ela destacou a importância do trabalho e da realização pessoal através da posse de um pedaço de terra. No entanto, também fica evidente a falta de conhecimento e acesso a informações sobre questões de igualdade de gênero e empoderamento, demonstrando a necessidade de conscientização e educação sobre esses temas, que atualmente, por mais avanços que já ocorreram, muitas mulheres desconhecem, especialmente nos assentamentos rurais.

É possível perceber nesse contexto de reforma agrária, luta e conquista da terra, as mulheres não medem esforços, não se enfraquecem diante das dificuldades de todos os tipos, mas somam-se ao trabalho dos homens e enfrentam jornadas diuturnas na construção da vida e da sobrevivência. Acreditam, animam umas às outras, sustentam a fé e a força e, dias após dias, retomam a esperança de um amanhã melhor. Elas são responsáveis, igualmente, pela geração de renda, o controle das despesas e a estabilidade econômica familiar.

[...] A mulher não é apenas a metade da população e mãe da humanidade. E um ser social, criativo e inovador. Falar da mulher nesses termos é mais do que deixar extravasar a ansiedade, o inconformismo e a ternura de milhares de mulheres. E resgatar a memória, que, mesmo obscurecida pelos reacionários, iluminará o caminho de todos os que buscam a justiça e a liberdade [...] (Teles, 1999, p.10).

Para a autora, as mulheres são parcela considerável da sociedade seja no âmbito social, familiar, econômico. Falar sobre elas é mais do que “despejar” as ansiedades, desobediências e ternuras de milhares de mulheres, é tratar da valorização, liberdade e do respeito.

As mulheres do assentamento Areias, com suas experiências, atuam e empoderam-se no que se refere ao acesso aos direitos e às atuações na produção do assentamento. Portanto, a reforma agrária envolve problemáticas para além do acesso à terra, como o trabalho das mulheres nesta luta, os direitos jurídicos e sociais, a renda, a escolaridade, e outras necessidades que elas próprias podem apresentar. São protagonistas, todavia, nem sempre visibilizadas.

De acordo com Davis (2016), a pesquisa é importante para compreender a atualidade e os padrões sociais que se repetem, como o caso das mulheres negras que historicamente foram trabalhadoras nas lavouras, diferentemente da concepção predominante de que eram prestadoras de serviços domésticos como babá, cozinheira, faxineira e outros, a maioria delas estavam envolvidas na lavoura.

Para Gonzales (1984) ainda hoje, a luta das mulheres negras por respeito e reconhecimento é a base da luta contra as desigualdades de gênero, raça e classe, ou seja, a luta por uma sociedade justa para todos e todas. Considerando esse pensamento, faz-se necessário valorizar a contribuição na construção social, política e econômica da sociedade dessas mulheres.

Nas últimas décadas, as mulheres estão presentes significativamente na luta pela terra e no processo de reforma agrária em todo país. Muitas vezes são as principais responsáveis pela subsistência das famílias rurais, seja por meio da produção de alimentos, da criação de animais ou da comercialização dos produtos, seja influenciando no desenvolvimento local e para qualidade de vida da comunidade. No entanto, é perceptível que essas mulheres enfrentam enormes desafios e desigualdades na conquista de seus direitos.

Conforme a senhora Maria Cleuza seria importante que as mulheres se envolvessem mais nas lideranças de associações, cooperativas e grupos de produtores. Ao ser questionada qual sobre a importância das mulheres ocuparem mais esses espaços sociais, ela afirma:

[...] Bom, eu acho importante a mulher participar, mas só que é quase impossível, porque é difícil para gente sair, só que as mulheres têm mais habilidade de chegar, entrar, sair, assim, têm mais jeito de lutar com essas coisas. Chegar num canto assim e falar, os homens são mais difíceis, então eu acho que seria bom as mulheres se envolverem mais, só que para mim é complicado porque eu cuido da casa, às vezes eu trabalho na roça na parte cedo, quando o sol tá mais frio, também trato das galinhas, porco e eu trabalho também na horta. As mulheres ficam mais paradas e,

no fim, não desenvolvem muito é mais os homens. [...] (Maria Cleuza dos Santos. Entrevista realizada na data de 12/12/2023).

Elas encontram obstáculos e hierarquia de gênero para ocuparem as funções de liderança e influenciarem nas decisões, tanto na vida privada quanto nos espaços coletivos dos assentamentos, sendo colocadas em condições submissas, fator que as leva a empreenderem esforços subjetivos injustos. Além do predomínio masculino nos processos decisórios, de modo geral as mulheres convivem com os maridos que assumem as lideranças nas deliberações.

Outro ponto a ser ressaltado, são os diversos tipos de violência enfrentados pelas mulheres do campo, que devem ser combatidos, não somente através da mídia, mas pela implementação de políticas públicas que atendam as necessidades das mulheres camponesas, pois sabe-se que as violências contribuem para o aumento das desigualdades de gênero e a desvalorização do universo feminino. As mulheres, frequentemente, são alvo de agressões físicas e verbais, além de sofrerem com a exploração sexual e o assédio. Segundo o site Agência Brasil:

[...] 46,7% das brasileiras sofreram assédio sexual em 2022, um crescimento de quase 9 pontos percentuais em relação a 2021, quando a prevalência de assédio foi de 37,9%. Com a pesquisa pode-se estimar que 30 milhões de mulheres que relataram ter sofrido algum tipo de assédio; 26,3 milhões de mulheres ouviram cantadas e comentários desrespeitosos na rua (41,0%) ou no ambiente de trabalho (18,6% - 11,9 milhões), foram assediadas fisicamente no transporte público (12,8%) ou abordadas de maneira agressiva em uma festa (11,2%) [...]. (Brasil, 2023).

É importante destacar que as mulheres têm demonstrado capacidade de resistência e mobilização na luta pela terra e pela igualdade de direitos. Os Movimentos de Mulheres Camponesas têm se organizado em diversas partes da América Latina, reivindicando suas demandas e lutando pela conquista de espaços de poder e decisão. É fundamental que a luta pela reforma agrária esteja alinhada à luta pela igualdade de gênero, garantindo que as mulheres tenham participação ativa e igualdade de direitos na construção de um campo mais justo e igualitário.

As mulheres do Areias, como de outros assentamentos, fazem parte deste contexto de violências, exclusões e desconsideração da sua capacidade de exercício político. Essa realidade se perpetua em um cenário social e político macro e micro. As pesquisas envolvendo mulheres do campo mostram a distância física e social a que são submetidas. As políticas públicas são homogêneas e não correspondem ao modo de vida desses grupos.

Chegar a terra e nela permanecer envolve múltiplas mobilizações, tanto subjetivas quanto objetivas, no fortalecimento das redes de solidariedade, de apoio e produtivas. A reforma agrária é uma política social que, com toda a fragilidade e a ser aprimorada, impulsionou a potência das mulheres, hoje visivelmente participativas no assentamento Areias. Vejamos uma imagem sobre a participação feminina no Areais:

Fotografia 6: Momento em que uma mulher assentada assina documento de posse do lote como titular.



Fonte: Foto cedida pela assentada Maracilva Damasceno- registro na data de 10/08/2008

A posse de lotes de reforma agrária para as mulheres, e no caso as desta pesquisa, também, é uma forma de reconhecer a importância do trabalho feminino no campo e de promover a igualdade de gênero na distribuição de terras. Além disso, como titulares de lotes de terras em assentamentos de reforma agrária, estão envolvidas diretamente no desenvolvimento de práticas sustentáveis e para a melhoria de vida familiar. Elas tendem a investir em atividades de produção de alimentos que proporcionem benefícios econômicos, mas primordialmente, vislumbram o autoconsumo familiar, como por exemplo, as hortas, a criação de galinhas, de porcos, dentre outros animais.

Ademais das diversas responsabilidades, já citadas neste texto, as mulheres do Areias garantem a sustentabilidade ambiental e econômica dessas comunidades, preservam o conhecimento tradicional e a transmissão de geração em geração, como a produção de artesanato, a medicina popular, a culinária e benzeção. Esse conhecimento é uma fonte de riqueza cultural e deve ser valorizado e registrado como documento oral e escrito.

Para as mulheres deve ser garantido o acesso à terra e aos recursos produtivos, criando meios para impulsionar a igualdade de gênero no campo e fortalecer a agricultura familiar. Para isso, é imprescindível a implementação de políticas públicas que assegurem os direitos básicos às mulheres do campo, encorajando-as a serem protagonistas na gestão administrativa, econômica e na produção agrícola dentro do lote. Vejamos outras imagens das mulheres:

Fotografia 7: Mística apresentada por mulheres no sorteio dos lotes sobre valorização da terra e a importância dos movimentos sociais na conquista da terra.



Fonte: Fonte cedida pela assentada Maracilva Damasceno- registro na data de 10/08/2008

A imagem acima apresenta registro de uma mística realizada por mulheres no momento do sorteio dos lotes, envolvendo emoções através das músicas, da satisfação pelo acontecimento importante, de receberem os lotes para neles construírem as condições necessárias a vida, dentre tantos outros sentimentos, de uma conquista que levaria a outras, rumo à concretização de uma vida digna. A mística desempenha um papel importante na construção da identidade dos movimentos sociais. Ela leva o indivíduo a criar um sentimento de pertencimento ao meio no qual está inserido, bem como é uma ferramenta que inspira e motiva as pessoas a se engajarem na busca por um mundo melhor, como retratado na próxima imagem.

Fotografia 8: Mística apresentada por mulheres no sorteio dos lotes na valorização da terra.



Fonte: Foto cedida pela assentada Maracilva Damasceno- registrada por ela na data de 10/08/2008

Atualmente, as mulheres conquistam muitos espaços, apesar de enfrentarem intensos desafios e desigualdades em diversos aspectos da vida, seja na política, no mercado de trabalho, no que tange à violência de gênero. Muitas se organizam e resistem, criando movimentos feministas e coletivos que buscam transformar a sociedade e conquistar mais direitos e dignidade para todas as mulheres, a exemplo das que participaram da pesquisa. Elas são batalhadoras, se organizam através das associações, grupos de produtores e buscam projetos que proporcionem o protagonismo feminino, como produção de rapadura, melado, garapa, farinha de mandioca, hortaliças e outros.

2.2 Transformações Cotidianas na Vida das Mulheres e de seus Familiares

Ao chegarem nos lotes do assentamento Areais, as mulheres trabalhavam igualmente com seus companheiros na terra bruta, desbravaram as matas que cobriam os seus lotes, a água era encontrada em minas nas reservas das proximidades e eram transportadas em galões e baldes, carregados em motos, bicicletas e carroças. A vida era difícil, envolvida em um labor diário, e as mulheres incansáveis, a cada dia, se organizavam através de grupos, associações, pois almejavam um futuro melhor para aquele povo. As famílias assentadas tinham no campesinato, as essências de luta, sendo conhecedoras da realidade que enfrentariam. Conforme pontua Carvalho e Costa.

[...] Famílias desse tipo, com essas características, nos seus distintos modos de existência no decorrer a história da formação social brasileira teceu um mundo econômico, social, político e cultural que se produz, reproduz e afirma na sua relação com outros agentes sociais. Estabeleceram uma especificidade que lhes é própria, seja em relação ao modo de produzir e à vida comunitária, seja na forma de convivência coma natureza [...] (Carvalho; Costa, 2012, p. 28).

Algumas saíram em busca do conhecimento, em cursos diversos, especialmente daqueles direcionados ao aproveitamento/processamento de alimentos, os quais eram oferecidos pelo SENAI e assim se capacitaram com novas técnicas para produzirem rapaduras, compostagens, receitas caseiras de doces, bolos e outros. Buscaram também técnicas na apicultura, na fabricação de sabão caseiro, entre tantas formações que eram oferecidas naquela comunidade. Os primeiros passos foram dados, começaram a produzir alguns alimentos e comercializavam, e partir daí, começaram a acessar créditos e desenvolver projetos que estão proporcionando a melhoria de vida familiar. Segundo a assentada Cleuza:

[...] as mulheres foram fundamentais e essenciais dentro do assentamento. Apesar das dificuldades e trabalho pesados as mulheres tornavam seus dias mais felizes nas datas comemorativas, faziam festas, participavam das atividades escolar tornando o dia a dia de seus filhos mais prazerosos. Nas festas juninas trabalhavam coletivamente fazendo quentão, pipocas, bolos, doces e o tradicional arroz com frango com cheirinho de salsinha e cebolinha, que não poderia faltar [...] (Cleuza. Entrevista realizada em 11/11/2022).

Mas como tudo tem fim, os tempos se passaram e com a chegada da tecnologia como a energia elétrica, muitas coisas foram interrompidas, como as visitas ao cair da noite, a conversa entre a vizinhança, os terços celebrados de casa em casa. Atualmente, a comunicação ocorre via telefone, muitas vezes pelo uso do sistema WhatsApp que chegou para contribuir nas mudanças dos modos de vida das mulheres e seus familiares.

Atualmente, as pessoas não deixam de assistir a um filme, a uma novela, séries ou curtir as redes sociais, para fazerem visitas noturnas nas casas de amigos e familiares. Em relação ao trabalho na roça, perdeu-se a troca de dia de serviço, prática, por exemplo, muito usada especialmente na época de colheita quando as famílias, inclusive do próprio assentamento Areias, com a participação de mulheres se organizavam, faziam escalas para colheita em cada lote, colhiam uma lavoura e ao término iam para outra plantação de modo que todos se ajudavam. Conforme Carvalho e Costa.

[...] As práticas tradicionais, o intercâmbio de informações entre vizinhos, parentes e compadres, o senso comum, assim como a incorporação gradativa e crítica de informações sobre as inovações tecnológicas que se apresentam nos mercados,

constituem um amálgama que contribui para as decisões familiares sobre o que fazer; [...] (Carvalho e Costa, 2012, p. 29)

O avanço nos meios tecnológicos no meio rural, principalmente nos assentamentos, tem passado por um crescimento rápido, sendo que os aparelhos celulares e a rede de internet tomaram conta das casas, tornaram-se um bem necessário. Os famosos “tijolões” deixaram de funcionar, pois dependiam de uma rede que permitia conexão através de antenas, extintos com a chegada da internet.

Conforme Nunes (2020), o acesso à internet veio como melhoria nas condições de vida, principalmente para às pessoas com mais idade, pois através da rede conseguem comunicar-se com seus familiares e a vizinhança, possibilitando a quebra do isolamento. No assentamento Areias, o acesso à internet tornou-se um instrumento de extrema importância na vida da comunidade, em especial das mulheres que utilizam essa ferramenta para além da comunicação e sim para divulgação e comercialização de seus produtos. Dessa forma, o sistema de comunicação pela internet mudou relações entre vizinhança, reduzindo as visitas, mas ampliando a comunicação e facilitando a maneira de comercializarem os produtos.

Nesse contexto de lutas e conquistas, aproximadamente dez famílias desistiram e acabaram vendendo seus lotes, indo embora para cidades vizinhas em busca de vidas melhores. Elas foram embora, os lotes foram comprados e outras famílias passaram a residir neles; eram chegantes que tinham sede de produzir e cultivar as terras, por alguns eram valorizadas e por outros não. Chegavam para ficar como diz Martins: “Chegante não é simplesmente quem chega, mas quem chega pra ficar; para se tornar membro do grupo, quem compartilha solidariedade e fisicamente o destino dos que estão em busca de um lugar.” (Martins, 1997, p. 19).

Dentre as famílias que ficaram no assentamento, a maioria são compostas por mulheres, conhecedoras de que há muito a ser feito. Com decorrer dos anos muitas conquistas foram alcançadas, como energia elétrica instalada nas casas, estradas que foram abertas, uma escola, que era extensão de um assentamento vizinho que atendia as séries iniciais e ensino fundamental, atualmente fechadas devido o pequeno número de crianças, que para estudar são deslocados para outra escola da região. No lugar encontram-se três igrejas, sendo uma católica e duas evangélicas. O assentamento conta, também, com duas mercearias onde são comercializados os produtos comuns em cestas básicas, de forma a suprir as necessidades da comunidade.

O tempo foi passando, grandes problematizações foram surgindo, resultados das

transformações cotidianas na comunidade e, principalmente, na vida das mulheres, como a partida de seus filhos para as cidades vizinhas em busca de trabalho assalariado e até de universidades.

Atualmente, sempre que possível, o povo deste assentamento se reúne para comemorar, festividades que valorizam e respeitam as culturas, os costumes, os valores, o modo de vida e o *habitus* de cada indivíduo que compõe a comunidade. As mulheres alimentam um sentimento de respeito e o desejo de produzir na terra e nela manter suas raízes.

Modo de vida e *habitus* são conceitos relacionados a Sociologia e discutidos pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu que aponta em seu livro *A distinção: Crítica Social do julgamento* (1979) que os *habitus* refere aos padrões de pensamento e comportamento estabelecidos por um indivíduo ao longo da sua vida, e o modo de vida por sua vez refere-se aos costumes e comportamentos de um grupo ou uma sociedade. O *habitus* é criado através da socialização e das experiências vividas, e também influencia a forma como os indivíduos se comportam e interpretam o mundo ao seu redor.

De modo a perceber que esse processo de transformação está enraizado na vida dessas pessoas, e elas sentem paixão pelo que fazem e pelo seu modo de vida. Apesar das transformações sociais, resultantes desse mundo globalizado, elas acreditam no potencial do assentamento. Para Silva (2009), tempo e espaço constituem uma simbiose, sendo que presente, passado e futuro se amalgamam. A terra é vista como uma espécie de espaço protetor, de enraizamento, de porto seguro, de paraíso perdido.

CAPÍTULO III

AS MULHERES E A AGRICULTURA FAMILIAR



3.1 Mulheres na Reforma Agrária: uma Jornada de Empoderamento

Neste capítulo será discorrido sobre o processo de empoderamento e fortalecimento das mulheres frente aos desafios, como a dupla jornada de trabalho, falta de reconhecimento e valorização de seu trabalho dentro da agricultura familiar, além do machismo e a violência enfrentada no campo. Detarte, as lutas femininas e a participação ativa neste processo só tem fortalecido a luta por justiça social e o combate contra a desigualdades de genero.

As mulheres são fundamentais no processo de reforma agrária e nos assentamentos rurais, lutando por seus direitos, autonomia e por lugares de destaque na sociedade que, por muito tempo, foram dominados pelos homens. Elas enfrentam desafios diários, mostrando resistências e superando obstáculos, ao mesmo tempo em que buscam igualdade e justiça. Embora, historicamente, as mulheres sempre tenham participado das lutas camponesas e das ocupações de terras, frequentemente seu protagonismo foi ignorado e silenciado. Porém, a reforma agrária tem se mostrado um espaço para que essas mulheres possam se unir, reivindicar seus direitos e conquistar um lugar de destaque nos movimentos sociais. Ao dialogar com a assentada Maria Cleuza ela descreve sobre a importância de igualdade de gênero no processo de reforma agrária:

[...] Eu acho muito importante a igualdade de gênero, porque nós temos o mesmo direito dos homens. Por exemplo, pode ver que em muitas das coisas as mulheres se desenvolvem mais. Por exemplo, já começa na área dos professores. É uma coisa que começa tudo por ali, o lugar que tem mulher mexendo as coisas eu acho que se encaixam melhor. Você pode ver desde a sua casa, por exemplo, nós lavamos as louças, nós sabemos onde coloca. Quer dizer, nós temos a habilidade de encaixar tudo no seu devido lugar. Então eu acho uma coisa muito maravilhosa ter a igualdade porque o mesmo direito deles é o nosso. E, por exemplo, onde tem mulher, pode ver que as coisas dão tudo certo[...] (Maria Cleuza dos Santos. Entrevista realizada na data de 12/12/2023).

A entrevistada compreende a relevância de se discutir e avançar o debate sobre a temática da igualdade de gênero, considerando fundamental que mulheres e homens tenham os mesmos direitos e oportunidades em todos os aspectos da sociedade. Entretanto, as suas considerações são enigmáticas, por vezes inconscientemente reforçando padrões de gênero, porque ela exemplifica: “[...] em muitas coisas as mulheres se desenvolvem mais [...] já começa na área dos professores [...] o lugar que tem mulher mexendo as coisas eu acho que se encaixam melhor [...]”. Educação e casa são os espaços de maior representação dos lugares e das funções a partir do recorte de gênero, mantendo as relações de poder e de naturalização de comportamentos, saberes essencialistas que sedimentam a hierarquia entre mulheres e homens. Nas entrelinhas, Maria Cleuza reforça habilidades naturais do cuidar, educar e instruir e se traduz em um melhor desempenho no ambiente escolar.

Por outro lado, se voltássemos a conversar com a entrevistada sobre o trecho: “[...] você pode ver desde a sua casa, por exemplo, nós lavamos as louças, nós sabemos onde coloca. Quer dizer, nós temos a habilidade de encaixar tudo no seu devido lugar. [...], onde tem mulher, pode ver que as coisas dão tudo certo.” Podemos pensar na hipótese de ela descrever atitudes, comportamentos, diálogos e expressões que indicam manifestações de resistência por controlar o espaço da cozinha, da casa, esconder coisas e saber encontrá-las, criar dependência de pessoas da família para com ela, ou seja, no cotidiano as técnicas de sabotagem são instituídas sem muito controle ou percepção. Ao mesmo tempo em que valoriza a atuação das mulheres em todos os espaços sociais, insiste na manutenção da divisão de trabalhos, justificando a conservação da mulher como ‘rainha do lar’, no fato da mulher possuir habilidades diversas que a torna um ser que tudo provê e que sabe onde tudo está ou deveria estar. São elementos que impulsionam duplas jornadas na vida das mulheres sendo por elas referendadas. Maracilva Damasceno, outra entrevistada, assentada, professora e produtora rural diz:

[...]Empoderamento Feminino, eu penso que são ações que vem a fortalecer a equidade, igualdade entre os gêneros que é uma coisa atual, algo que a mulher pensa, que ela sonha e assim a mulher vem conquistando ao longo do tempo seu espaço onde antes isso não era tão presente. Então o empoderamento da mulher, o empoderamento feminino é a mulher decidir sobre si, ter suas decisões buscar o seu espaço, conquistar a igualdade. Gênero do caso do sexo, a igualdade salarial, igualdade em todo o contexto. Acredito que seja isso. Onde tem a mulher na liderança, ela conquista o espaço, buscando igualdade de oportunidade. A gente sofre muito preconceito, violência também. Mesmo que a gente tenha o mesmo nível intelectual, desempenha a mesma função, ainda existe desigualdade salarial, isso também a mulher vem buscando combater. A mulher tem que cada vez mais conquistar mesmo o seu espaço. As mulheres vêm buscando a sua autonomia e a sua consciência de poder, no caso, buscando também ter o poder diante de várias situações perante o homem, não querendo a desigualdade, sim a equidade. [...] (Maracilva Damasceno. Entrevista realizada em 15/01/2023).

A linguagem da Maracilva demonstra lógica e o uso de termos não conhecido por algumas mulheres, como por exemplo, equidade, e constrói argumentos relativos às reflexões sobre sexo, gênero, igualdade, autonomia, dentre outros. Pode se dizer que ela conquistou espaços de maior diálogo, de circulação de conhecimento e de formação escolar, inclusive discorreu sobre a sua concepção de empoderamento feminino: “[...] decidir sobre si, ter suas decisões, buscar o seu espaço, conquistar a igualdade.”

Segundo a entrevistada, as mulheres são perfeitamente capazes de exercer funções que foram historicamente atribuídas aos homens, podendo ocupar lugares de destaque, de poder e de liderança, subentende-se que ao contrário do que é imposto pela sociedade, as mulheres não são um sexo frágil.

A entrevistada destaca que o empoderamento feminino seria uma ação fortalecedora da equidade e igualdade entre os gêneros, ressaltando que se trata de uma conquista por meio de lutas contínuas – passadas e presentes – das mulheres em diversos espaços sociais e políticos, sendo algo que elas sempre desejaram e sonharam. No decorrer dos anos as mulheres vêm conquistando espaços que antes não eram tão presentes no contexto feminino.

As conquistas não são suficientes e nunca serão. Os sistemas de dominação, como o capitalismo e o patriarcado vivem de mãos dadas, são (re)fortalecidos amplamente pelo poder masculino demarcando os espaços de controle e de hierarquia de gênero, como salienta a autora ao se referir às relações de trabalho no campo:

[...] Do ponto de vista das relações de trabalho, as mulheres indicam inúmeros problemas. É consenso entre elas o fato de que os homens, nos papéis de marido e de pai, dominam o trabalho das mulheres e dos filhos e concentram as decisões sobre a produção, não havendo planejamento coletivo da produção que envolve toda família, o que incluiria as decisões sobre plantio, criação, colheita, comercialização e usufruto da renda. O controle do dinheiro pelo homem reduz e em muitos casos,

impede a autonomia das mulheres. [...] (Cordeiro, apud, Silva; Portela, 2004, p. 133).

Muita luta e resistência foram necessárias para chegarem a terra e para nela permanecerem. Através da reforma agrária as mulheres têm conseguido acessar a terra onde trabalham e vivem com dignidade, proporcionando independência financeira e, a partir daí, a terra começa a se tornar não apenas um meio de subsistência, mas o resultado de luta e resistência, e as mulheres têm a oportunidade de se fortalecer, mostrando suas habilidades de organização e liderança.

Juntas elas lutam por políticas públicas que levam em consideração suas necessidades e demandas específicas, incluindo acesso a crédito rural, apoio à produção agroecológica, assistência técnica, acesso à educação e à saúde, entre outras necessidades. Conforme aponta Cordeiro (2004).

A luta feminina no campo representa um processo de empoderamento que vai além, envolve a conscientização sobre os direitos das mulheres, a superação de estereótipos de gênero e a construção de relações de poder mais igualitárias. Elas têm assumido posição de lideranças, ocupando espaços de decisões e influenciam nos movimentos sociais e políticos. Por meio de suas ações, elas têm sido ouvidas, deste modo, é possível que a sociedade redefina conceitos enraizados sobre as relações de gênero no campo.

O empoderamento feminino, dentro dos assentamentos rurais, é conquistado por meio de uma série de ações e mudanças sociais que visam promover a igualdade e o combate a um conjunto de preconceitos em relação às demandas de gênero que, fortemente, se estabeleceu principalmente no campo, onde o homem é considerado o proprietário e responsável pela terra e por financiamentos/recursos/lucros, a mulher “fica em segundo plano” diante dos olhos da sociedade. Conforme a senhora Maria Cleuza, algumas ações e atitudes precisam acontecer nos assentamentos, em especial, no Areias, para a conquista e o fortalecimento da igualdade de gênero.

Ao ser indagada se dentro do assentamento já houve ações ou iniciativas para promover a empoderamento feminino e discutir pontos relevantes sobre a igualdade de gênero, ela responde: “É se teve eu não tô sabendo não. Porque eu nunca participei não.”

Para a entrevistada, o fortalecimento da igualdade de gênero nos assentamentos rurais deve acontecer através de uma abordagem inclusiva, que valorize a participação de todas as mulheres, independentemente de sua formação educacional e se fazem necessárias políticas públicas que viabilizem essa discussão. Ela ressalta, ainda, a importância das próprias

mulheres saírem em busca de formação para compartilharem com aquelas que, mesmo sem conhecimentos, almejam sair deste casulo de dominação por tanto tempo enraizada na sociedade.

Os assentamentos rurais são áreas designadas para a reforma agrária, onde famílias de trabalhadores rurais são assentadas em terras que passam por um processo de desapropriação, que antes eram pertencentes a grandes proprietários, que muitas vezes apresentam algum tipo de irregularidade naquela terra, como exemplo, documentação, sonegação de impostos, entre outros.

As mulheres atuam tanto na produção agrícola, quanto nas tarefas domésticas, cuidados com a família, principalmente com filhos e na manutenção e permanência no assentamento. Muitas delas se organizam através de associações, cooperativas ou grupos femininos. Essas organizações oferecem espaços de discussões, troca de ideia e fortalecimento mútuo.

Outra estratégia importante é a criação de programas de empréstimos e financiamento rurais específicos para o público feminino. Esses programas viabilizam recursos financeiros para investir em suas atividades produtivas, seja na agricultura, na pecuária ou na agroindústria. Com esse acesso ao crédito garante-se o aumento da produção e da renda familiar, promovendo o empoderamento econômico das mulheres do campo.

Ademais, para que o empoderamento das mulheres seja efetivo, é indispensável a existência de políticas públicas que estimulem e garantam o acesso delas aos programas de reforma agrária, à educação, à saúde e à habitação rural, para que a violência de gênero seja combatida e se promova a igualdade de acesso aos recursos naturais. Conforme aponta Gomes:

[...] No Brasil, o movimento social de mulheres aparece estreitamente vinculado à luta por democracia e pelo fim da ditadura militar e, na medida em que o movimento por redemocratização avança, vai avançar também a criação de grupos de mulheres. O ponto alto desse processo vai ser a elaboração da nova constituição, momento no qual as mulheres organizadas vão ter papel ativo, levando suas reivindicações e tendo como lema “Constituinte prá valer tem que ter direitos da mulher.” [...] (Gomes, 2007, p. 92)

Com o empoderamento de uma mulher, toda sociedade a qual ela faz parte se torna mais forte. Não podemos avaliar o empoderamento através de mudanças individuais, mas, a partir de diversos âmbitos sociais que essa mulher pode atingir, essas mudanças são ampliadas para toda comunidade a qual ela faz parte. As mulheres, ao se empoderam,

reconhecem o seu potencial, as suas capacidades e o seu valor. Elas rompem as barreiras sociais que as limitam e enfrentam os desafios com determinação e coragem. Ao fazerem isso, elas inspiram outras mulheres a se levantarem e lutarem por seus direitos e igualdade. Conforme Cordeiro (2004).

[...] o uso do termo empoderamento alcançou visibilidade a partir da década de 1990. Duas narrativas falam do seu surgimento: uma informa que o conceito está ligado ao movimento feminista e a outra vincula-o ao movimento American Blacks e às lutas contra o fim do preconceito e da discriminação racial nos Estados Unidos nos anos de 1960. Nas décadas de 1970 e 1980, ativistas feministas se debruçaram no esforço de elaboração teórica do conceito, bem como nas lutas pela implementação de estratégias de empoderamento. No campo das discussões sobre desenvolvimento, o empoderamento é visto por algumas ONGs como principal estratégia de combate à pobreza e de mudanças nas relações de poder. [...] (Cordeiro, 2004, p. 149)

O processo de empoderamento também acontece em ações coletivas a partir das relações interpessoais. Uma pessoa empoderada busca relações saudáveis, se afastando do que é prejudicial ao bem coletivo, procura igualdade, não tolera a desvalorização e o desrespeito. Isso pode impactar nas futuras gerações e na estruturação de uma educação igualitária que respeita os princípios de direitos, se fundamenta no respeito mútuo e combate diversos preconceitos e discriminações enraizados nos âmbitos sociais. Uma educação pautada em princípios libertadores valoriza todos os sujeitos sociais igualmente e possibilita criar rumos para uma sociedade justa onde homens e mulheres são tratados iguais, gozando dos mesmos direitos e oportunidades. Cabe pontuar que o empoderamento feminino busca justiça e igualdade entre mulheres e homens e também entre as pessoas com sexualidades que fogem de heteronormatividade e representa uma ameaça ao sistema patriarcal vigente na sociedade.

Quando as mulheres se empoderam abre-se um debate sobre diversas estruturas que oprimem e se opõem ao potencial da mulher e criam obstáculos para a sua emancipação, não é uma luta de forças entre homens e mulheres. Ressalta-se a importância da implantação de políticas que garantam essa igualdade de forma respeitosa e consciente, pois, como já foi salientado: quando uma mulher se empodera, toda a sociedade pode se fortalecer.

Como afirma Cordeiro (apud Portela; Silva, 2004). A conquista de direitos pelas mulheres implica mudanças que não alteram somente as relações diretas entre homens e mulheres, mas também as estruturas sociais e, portanto, a organização da vida em sociedade. É uma transformação que beneficia não apenas as mulheres, mas também é um caminho rumo a uma sociedade desenvolvida com mais justiça e igualdade, na qual todas as pessoas

têm a oportunidade de se destacar para o bem-estar comum, independentemente de serem homens ou mulheres, de terem escolaridade ou não.

Dentro dos assentamentos, é importante oportunizar às mulheres, políticas e programas sociais específicos para as demandas da agricultura familiar. É a partir dessas atitudes como investimento na educação, saúde, créditos e apoio que será possível confrontar tantos desafios na sociedade e o enfrentamento pela igualdade de gênero, segundo Oyrónké:

[...] estudiosas feministas são as mais importantes circunscrições com foco em gênero e a fonte de muito conhecimento sobre as mulheres e hierarquias de gênero. Como resultado de seus esforços, gênero tornou-se uma das categorias analíticas mais importantes na empreitada acadêmica de descrever o mundo e tarefa política de prescrever soluções. Assim, embora nossa busca por entender não possa ignorar o papel das feministas ocidentais, devemos questionar a identidade social, interesses e preocupações das fornecedoras de tais conhecimentos. [...] (Oyrónké, 2004, p. 02)

A autora Oyrónké (2004) aponta em seus estudos que os últimos cinco séculos foram conhecidos como a era da modernidade, tendo como principais características a exploração e a escravidão, o avanço da colonização europeia em diversos territórios do mundo e o desenvolvimento do capitalismo e da industrialização que originou muitas transformações sociais e culturais. O eurocentrismo que torna a Europa o centro do conhecimento, leva a autora a interrogar o conceito de gênero a partir de um contexto influenciado pelas experiências europeias e americanas.

Oyrónké (2004) ressalta a importância das estudiosas feministas na produção do conhecimento e no questionamento de suas identidades sociais, interesses e preocupações. Ela aponta a importância de repensar o conceito de gênero como algo inerente, ou seja, inseparável do ser, da diversidade cultural e do modo de vida que são diversos nos grupos sociais; ela argumenta, inclusive, que, em algumas sociedades africanas, esse debate vai além da classificação homem/mulher.

Dentro dos assentamentos rurais, pouco se fala sobre a questão de gênero, algo que é de suma importância no contexto agrário e cujo debate abre portas para uma análise sobre as reflexões voltadas à busca pela igualdade e pela valorização das mulheres no âmbito rural, e sabemos que as mulheres carregam inúmeros desafios, desde a divisão desigual do trabalho até a falta de acesso a recursos e oportunidades. Ao levantar essa problemática, é possível pontuar uma maior compreensão dos papéis de gênero e das estruturas de poder presentes nos assentamentos rurais.

Ademais, essa discussão proporciona e promove uma cultura de respeito e igualdade

ao reconhecer e valorizar o trabalho realizado pelas mulheres rurais, é possível fortalecer a própria autoestima, emponderam-se e motivam-se a buscar mais oportunidades e a serem protagonistas de sua própria emancipação. As mulheres do assentamento Areias, a qual se designa esta pesquisa, atuaram ativamente no processo de luta no acampamento até a conquista da terra, muitas delas foram lideranças com participação essencial nas tomadas de decisões. Trabalharam no setor da saúde e na educação, lideraram os trabalhos voluntários desde a sala de aula até a produção de merenda. E atualmente a participação continua e se ampliou em quantidade e qualidade.

3.2 Mulheres que Fortaleceram a Produção Agrícola no Assentamento Areais: Desafios e Conquistas

O Areias foi o último assentamento criado no município de Nioaque, no ano de 2008 resultante da luta de grupos procedentes da região. Com a parceria entre a CPT e FAF, ocuparam uma área de 1.601,3085 ha. e conta com 83 famílias vindas dos municípios de Aquidauana, Anastácio e Nioaque, inclusive muitas dessas famílias são constituídas por filhos e filhas de pessoas assentadas em outras áreas da reforma agrária no entorno de Nioaque.

Neste assentamento, as mulheres são parte da história de constituição do lugar até os dias atuais. A produção de alimentos tem como prioridade a subsistência e o excedente é comercializado em mercados da região ou com comerciantes intermediários, aqueles que compram diretamente do produtor, muitas vezes sem notas fiscais, pagando preços inferiores aos de mercado e comercializam com proprietários de comércios com preços bem mais altos. Atualmente a banana e o carvão são os produtos com maior produção dentro do assentamento e, infelizmente, são comercializados com esses intermediários. Dentre outros produtos produzidos no assentamento destacam-se: milho, queijo, leite, ovo, mandioca, banana, batata doce, tomate, limão taiti, rapadura, melancia, abóbora, mel. Conforme discorre a senhora Marina assentada no Areias:

[...] O assentamento Areias teve uma grande importância na minha vida. Lá eu pude ter a minha própria casa, construir uma família e plantar, colher para nos alimentar. Não tive acesso a nenhum crédito ainda porque meu lote está no nome do meu falecido marido Maurício. No meu entender igualdade de gênero é quando o homem e a mulher têm os mesmos direitos na sociedade. Só não me lembro o ano que entrei no acampamento porque eu vim rodando desde a Santa Idalina o último acampamento foi o Diamantino que hoje é nosso Assentamento. [...] (Marina Veríssimo de Araújo. Entrevista realizada em 16/12/2023).

A senhora Marina compreende a igualdade de gênero quando homens e mulheres têm os mesmos direitos na sociedade. Ela ressalta a importância que o assentamento teve na construção familiar ligada ao plantar, colher e alimentar, diz que veio “rodando desde a Santa Idalina”, passou pelo acampamento Diamantino e chegou no Areias, uma trajetória incerta, alimentada pelo sonho de uma vida digna, infelizmente ela ainda não teve acesso a créditos rurais por dificuldade na regularização do lote, após o falecimento do seu marido.

No conjunto de entrevistadas temos a senhora Maria Aparecida, inclusa no programa de reforma agrária desde o ano 2000. Ela estudou até a terceira série, pois tinha que trabalhar na lavoura para ajudar seu pai. Conta que caminhava longos trechos em estradas de terra para levar almoço ao seu pai e quando sentia sede, a alternativa era a de beber água de chuva que encontrava nas poças distribuídas pelo caminho.

A assentada relembra que, em meio a tanta dificuldade, casou-se, constituiu sua família e foi morar em uma fazenda onde seu esposo exercia trabalho braçal, logo engravidou e teve dois filhos, mas, infelizmente, vieram a óbito. Nesse período, o seu esposo começou a mexer com empreitada e ela precisou aprender a preencher cheques para fazer pagamentos aos funcionários que lhe prestavam serviço.

Continua dizendo que, no ano de 2000, ela entrou para o a campamento Diamantino, atual assentamento Areias, pois carregava consigo o desejo de conquistar um “pedacinho de terra”. Ela conta que a conquista da terra foi a realização de um sonho, pois sempre foi criada no sítio, como relata em um trecho longo e importante, por isso inserido na íntegra:

[...] Eu, desde o início, você sabe, né, eu mexia com lavoura, bastante, uns quatro anos mais ou menos, nós mexia com lavoura. Inclusive, até agora ainda tem, algumas mandioca ali perdida que não consegui vender, mas o ano passado nós vendemos bastante. Aí para esse ano nós aumentamos a roça e não tivemos sorte porque não conseguia vender até agora, e também não cozinha mais, plantamos muito milho, feijão, até algodão nós plantamos, banana, feijão catador, quiabo, maxixe, abóbora, melancia, melão, eu colhi muita coisa. Fiz muito queijo, até hoje ainda, tem dia que eu ainda faço, nós vendemos o leite também quando sobra eu faço queijo. Vendi muito leite naquela vila em Nioaque na cidade, lá eu vendia queijo, maxixe, limão taiti, feijão eu não vendi muito, feijão andu quando eu tinha tempo de dibuíá eu vendia também. Ovo caipira, frango, até agora ainda tenho até bastante frango, aí também pra abater pra matar, ovo caipira eu tenho. Mas eu já tô cansada. Horta também eu plantei muito tempo. Agora que eu não tô mexendo porque não compensa, a gente não tá vendendo, em casa é pouco consumo. Não compensa plantar muito, então tem que ser um pouco só pro uso. E aí a gente leva na cidadee quase não vende também, aquela época que eu passava muitas vezes lá na sua casa eu vendi muito. Graças a Deus agora eu não tô necessitada de vender coisa na rua para mim sobreviver. Tem nosso ganhozinho, eu já aposentei, eu, e meu marido não tem mais necessidade. Se eu te falar, graças a Deus, dá para pagar a parcela do nosso carro, dá para comer e a gente come o que quer, graças a Deus. Compro o que a gente precisa. É só eu falar, eu vou comprar. Se eu não tenho dinheiro, eu posso

financiar e pagar parcelado. Eu não tenho que reclamar do assentamento foi muito bom, graças a Deus. Se eu não tivesse aqui, eu não sei o que seria, porque a gente tinha casa para morar, mas eu não tinha conseguido aposentar na cidade, eu acho meio difícil. Porque conhece gente mais velha do que eu e não aposentou. Então, isso aqui pra mim foi um caminho que Deus abriu e eu, no início, foi muito difícil, mas graças a Deus, nós conseguimos passar aquela crise difícil de ter que sair daqui a pé e pra cidade, eu fiz isso, mas não foi muito tempo, logo acabou, foi questão de um ano e pouquinho até que a gente conseguiu fazer alguma coisa aqui pra ter daqui de dentro, pra não precisar de estar indo pra lá pra trabalhar, pra trazer as coisas pra casa que era a sexta do mês, mas agora, graças a Deus, tudo, por mais que a gente não tá mexendo com muita coisa consegue daqui de dentro e a nossa aposentadoria dá pra tudo, graças a Deus. Fizemos nossa casinha do atrasado que recebi da aposentadoria, fizemos mais umas peças, cozinha, varanda, banheiro. A aposentadoria do meu marido paga o carro e o meu sobra para as coisas, meu neto que morra com nos vende o leite também ajuda nos e ele é habilitado carrega nos no carro. Então, isso aqui para mim eu não tenho o que reclamar, agora eu estou trabalhando menos, faço só o servicinho de casa, mas eu já trabalhei muito, como você sabe, já lutei muito para trazer as coisas para cá, para a gente não precisa ter que estar indo para a cidade mais, mas agora eu estou tranquila, graças a Deus, faço o que eu posso, se eu não dou conta em um dia que eu não estou muito boa, eu faço o necessário de dentro de casa, no outro dia eu estou mais animada, isso é muito bom, para mim isso aqui foi um caminho que Deus abriu com muita sorte que nós tivemos aqui dentro, graças a Deus, e as pessoas boas também a gente não pode esquecer, que ajudou a gente a vir aqui dentro, teve muita gente boa que me ajudou ninguém é perfeito, todo mundo tem os defeitos, mas a gente não tem que ver só o lado ruim da pessoa, tem que ver o lado bom também. Que para mim aqui todo mundo é bom, não vou dizer, tem umas pessoas que às vezes a gente não se bate muito, mas não tem nada a ver, a gente não deixa de ter amizade. Mas eu estou contente, graças a Deus [...] (Maria Aparecida. Entrevista realizada em 20/12/2023).

Ao analisar e refletir sobre as informações descritas na entrevista, é possível perceber muitas transformações ocorridas dentro do assentamento Areias, desde a época de acampamento até a atualidade, são ações que vêm impactando na vida dos assentados, e ela aponta, ainda, as dificuldades enfrentadas ao longo da sua jornada de conquista da terra. Relata sua dedicação com lavoura, mas também indica a falta de comércio para sua produção, algo que muitas vezes desmotiva as pessoas produtoras rurais.

Torna-se perceptível, ao longo do relato, a dimensão que o trabalho no campo tem para a narradora e sua família. Ela menciona ter aumentado a roça com a expectativa de lucro, mas lamenta a falta de sucesso nas vendas até o momento. Parece haver um sentimento de gratidão, pois destaca que, mesmo enfrentando dificuldades, ela e seu marido conseguem manter uma vida confortável. Nesse contexto, Maria Aparecida menciona a aposentadoria como um algo de extrema importância para seu bem estar e da família e permitiu a aquisição de um carro, a ser pago em parcelas, a construção de sua casa, além de outras melhorias feitas no local.

Ela expressa contentamento em relação à situação atual, afirmando que está trabalhando menos e fazendo as atividades domésticas, anteriormente, as duas atividades

eram realizadas concomitantemente, reconhece que já trabalhou muito e passou por momentos difíceis, como a necessidade de ir até a cidade em busca de trabalho, se considera abençoada e destaca a importância das pessoas boas que a ajudaram nessa jornada. Ela evidencia sua gratidão ao apoio recebido. Aos 65 anos, Maria Aparecida trilhou muitos caminhos e concluiu uma jornada de trabalhadora rural ao se aposentar, após experienciar o ciclo da produção, plantar, colher e comercializar o resultado de seu trabalho e de sua família.

3.3 A Assistência Técnica e o Processo de Produção Agrícola

O assentamento Areias conta com um grupo de produtores/as, e algumas mulheres fazem parte e são fundamentais no processo. No ano de 2013 um professor assentado cursava Especialização em Residência Agrária na Universidade Federal da Grande Dourados e através de um projeto de extensão desta instituição, o acadêmico, em parceria com o professor do curso e algumas famílias assentadas, conseguiram a instalação de um apiário para produção de mel, aproveitando a extensa área de mata que faz divisa com assentamento Areias, parte dela pertencente ao próprio assentamento, bem como o entusiasmo das famílias envolvidas com o grupo, trabalhando de forma coletiva. A assistência técnica proporcionada por esta parceria resultou no projeto de construção do apiário, com instalação de caixas de abelhas em uma área de reserva, o que facilita a produção do mel devido as grandes florestas da região.

Com a atividade apícola, introduziram oficinas para a fabricação de caixarias necessárias para o desenvolvimento da atividade, tudo realizado de forma coletiva, o que fortaleceu as relações de sociabilidade entre as pessoas e as levaram a empreenderem esforços coletivos para outra atividade, que foi a instalação da horta para produção de verduras e legumes com base orgânica:

[...] A atividade apicultura no assentamento Areais teve início por intermédio da parceria formada entre a Universidade Federal da Grande Dourados por meio do apoio do curso de Residência Agrária, sendo agente de fomento da atividade no assentamento Areias e a comunidade beneficiada. [...] (Gracielle, *et. al.* 2017, p. 18).

A horta instalada no assentamento, a princípio, era destinada somente à produção de hortaliças, mas com sucesso do projeto, a produção foi ampliada para a fruticultura, apicultura, batata doce e limão Taiti.

Em 2015 o grupo de assentados/as e a UFGD ampliaram a parceria com a APOMS,

fortalecendo ainda mais o trabalho com os projetos aos quais o Areias havia sido contemplado.

A APOMS é uma associação que incentiva a produção orgânica através de apoio técnico e incentiva o/a produtor/a na produção agroecológica, promovendo a sustentabilidade ambiental, garantindo qualidade e agregação de valor na produção.

Os/as associados/as desta associação recebem informações atualizadas sobre como comercializar seus produtos conforme legislação vigente, pois ela tem objetivo de divulgar informações e mostrar os benefícios do consumo destes alimentos para a saúde humana e a função social na preservação da natureza. Além de incentivar a produção sustentável, a APOMS também cria redes de consumo consciente e solidário, conectando produtores e consumidores em uma relação direta e transparente.

Essa ação favorece os dois lados, pois permite que os produtores comercializem seus produtos por preços justos e os consumidores adquiram alimentos de boa qualidade, sabendo a origem exata do que estão consumindo. Ela trabalha em prol do/a produtor/a rural e colabora para a construção de mundo mais equilibrado para todos/as, promovendo a igualdade social.

A partir de então, passaram, à instalação de estufa para produção de tomates, produtos de destaque nos trabalhos do grupo. A organização desse grupo de produção, especialmente na parceria da UFGD e a APOMS, suscitou o questionamento em relação a falta de Declaração de Aptidão ao PRONAF, pelas pessoas titulares dos lotes, documentos que as habilita a acessarem financiamentos nos programas de fomento a agricultura familiar, dentre eles o PRONAF, uma linha de financiamento do Governo Federal com juros menores e destinada a atender pequenos produtores/as.

Por conseguinte, no ano de 2020, através da luta dos assentados, de associações e grupos de produtores, conseguiram que o INCRA viabilizasse uma vistoria no assentamento, criando estratégia de regularização dos lotes, pois encontravam-se com irregularidades. Com o resultado deste trabalho, o assentamento foi contemplado com um projeto de habitação, mas apenas as famílias em situações emergenciais de moradia receberam o valor de 34 mil reais para construção de uma casa de 48 metros quadrados, sendo dois quartos, um banheiro, sala e cozinha.

Para a efetivação do projeto, foram feitas reuniões com empresários da região para apresentarem relação de preço de material de construção que atingisse o valor disponível pelo programa. Uma empresa da capital venceu e iniciou-se o processo de construção das casas, e

a prefeitura municipal foi importante na parceria para fazer os aterramentos, a nivelção dos lotes e a construção das casas.

As mulheres, em sua maioria, trabalham na agricultura familiar, exercem funções fundamentais na produção de alimentos para a subsistência e comercialização do excedente, elas garantem a segurança alimentar e contribuem para a economia local.

As agricultoras familiares enfrentam entraves desafiadores, como preconceitos e discriminações de gênero, falta de acesso a recursos e tecnologias e, na maioria das vezes, conciliam o trabalho na roça com a atenção aos filhos e a casa. Elas têm mostrado resiliência e criatividade, se organizam em grupos e associações, buscam capacitação, apoio e acesso a políticas públicas voltadas para o setor. Conforme site da Embrapa:

[...] O número de mulheres dirigindo propriedades rurais no Brasil alcançou Quase 1 milhão. A partir do Censo Agropecuário de 2017, o IBGE identificou 947 mil mulheres responsáveis pela gestão de propriedades rurais, de um universo de 5,07 milhões. A maioria está na região Nordeste (57%), seguida pelo Sudeste (14%), Norte (12%), Sul (11%) e Centro-Oeste, que concentra apenas 6% do universo de mulheres dirigentes. Os dados foram obtidos a partir de um trabalho conjunto entre o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), a Embrapa e o IBGE, no âmbito de um Termo de Compromisso assinado entre as três instituições por intermédio de Programa Agro Mais Mulher. [...] (Embrapa, 2023, pag 01).

Conforme dados apontados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através do último Censo Agropecuário, de 2017, 19% dos estabelecimentos rurais no Brasil são gerenciados por mulheres, sendo as principais responsáveis pelo cultivo de alimentos e cuidados com a terra dentro da agricultura familiar. Elas são ativas neste processo, além da segurança alimentar da família e a promoção de ações de conservação do meio ambiente através de práticas agroecológicas e de cuidado com a biodiversidade local. a valorização do trabalho dessas mulheres pode contribuir para o fortalecimento da economia no assentamento e para a redução da pobreza no campo. Conforme Cordeiro, em uma obra de 2004, atualíssima para pensarmos que há um contínuo de lutas por direitos das mulheres trabalhadoras ruais.

[...] Na atualidade, as lutas das trabalhadoras rurais vão além do acesso formal a direitos sociais, políticos e civis e incluem aspectos como a auto-estima, os aprendizados pessoais e políticos, a capacidades de realização e a aposta na ação coletiva como estratégias de reivindicação da vida e das relações sociais. [...] (Cordeiro, 2004, p. 152)

A presença das mulheres como gestoras nos lotes não tem impacto positivo apenas nas

questões de igualdade, mas nos aspectos familiares e sociais. É importante ressaltar que, além da segurança alimentar, elas podem ter sua própria independência financeira, trazem benefícios econômicos e sociais significativos para sua comunidade, e um exemplo disso, são as mulheres envolvidas nesta pesquisa, que fazem parte desde o início do acampamento, acreditando e buscando alternativas de melhoria e atualmente realizam isso no assentamento.

As mulheres que compõem o grupo de produção orgânica também apontam para a valorização da produção. Vejamos fotos da colheita.

Fotografia 9: Produção de tomate orgânico e batata doce no lote da assentada Maria Cleuza dos Santos.



Fonte: Imagens cedidas na data de 11/06/2023 por uma produtora do assentamento a senhora Maracilva, registrada em 20/10/2020.

Desde o ano de 2013, o assentamento Areias passou a contar com uma parceria relevante para o seu desenvolvimento econômico, pois, através da parceria com a Universidade Federal da Grande Dourados, como já foi dito, ocorreu a incrementação da produção de diversos produtos orgânicos, com destaque para a produção de tomate e batata doce, além da produção de mel e limão Taiti. Ressalta-se ainda que apenas duas mulheres deste grupo de produtores fazem parte desta pesquisa, de modo que, as mesmas atuam, primordialmente, na produção de horticultura.

Com métodos orgânicos o grupo tem expandido sua produção e conquistou o importante selo de produção orgânica para os seguintes produtos: batata doce, abobora e limão taiti. Este selo é uma representação que atesta a produção totalmente cultivada e

processada de acordo com os princípios estabelecidos e exigidos para o cultivo sem o uso de fertilizantes químicos, pesticidas sintéticos, hormônios de crescimento. O selo foi emitido pela APOMS (Associação de Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul).

Segundo estudo de Nunes (2019), o trabalho desse grupo de assentados do Areias não tem objetivo apenas de produzir produtos orgânicos, mas potencializar a produção, especialmente, recriando a sociabilidade e a cooperação entre as famílias envolvidas com o grupo. São trabalhos desenvolvidos de maneira coletiva, colaborativa, com esforços compartilhados, contando com atuações femininas para a produção alimentar das famílias e da vizinhança, com a comercialização dos excedentes da produção. Seguem algumas imagens que retratam a produção deste grupo.

Fotografia 10: Construção do Apiário no assentamento Areias com participação de algumas mulheres.



Fonte: Imagens cedidas na data de 11/06/2023 por uma produtora do assentamento a senhora Maracilva, registrada em 2017

No projeto de apicultura, as mulheres participam desde a colheita até o processo de embalagem e comercialização do produto e se destacam, pois, apresentam habilidades e competências únicas, contribuindo para agregar qualidade e valor ao produto, com responsabilidades imprescindíveis no processo. De modo geral, muitas vezes lideram o comércio, buscaram qualificação que resulta em um produto orgânico com manejo sustentável e muita qualidade, garantindo a preservação das abelhas e dos ecossistemas envolvidos na produção do mel.

[...] Cabe ressaltar que o grupo de apicultores é formado por dez pessoas envolvidas nas atividades e beneficiando de forma indireta 15 pessoas, que atuam nas atividades do apiário. Lá estão instaladas 15 caixas de abelhas na produção do mel, sendo que a primeira safra foi retirada no mês de dezembro de 2014, momento em que os envolvidos coletaram 434 kg de mel, e ainda deixaram uma sobra de 54 kg, para alimentar os exames. [...] (Gracielle, *et. al.* 2017, p. 18).

As parcerias foram essenciais, inclusive para as capacitações que aconteceram desde 2014 através da UFGD, até o presente momento, com os seus projetos de extensão juntamente com a APOMS (Associação dos Produtores Orgânicos). A conquista da marcenaria com kit para construção e confecção de caixas para o Apiário foi de suma importância para o sucesso da produção e o êxito em assentamentos rurais. A Prefeitura Municipal de Nioaque fez a doação de uma centrífuga e de mesas para o manuseio do processamento da produção de mel.

O trabalho das mulheres na produção de mel é valorizado, reconhecido e, com ele, vislumbra-se o empreendedorismo feminino e a promoção da igualdade de oportunidades no mercado de trabalho, na produção, na comercialização e na gestão dos lucros. Na produção de horticultura, as mulheres têm participação evidente e fundamental. Durante muito tempo os trabalhos do campo eram considerados como função específica do sexo masculino, mas apenas aos olhos da sociedade, porque sabe-se da atuação das mulheres, e como vêm se destacando gradativamente nesse setor. Esse tipo de produção exige conhecimento técnico específico como manejo de solo, irrigação, adubação, colheita. As mulheres, por sua vez, possuem habilidades e sensibilidades que agregam valor à produção. Elas são dedicadas e atentas aos detalhes, o que pode garantir uma melhor qualidade dos produtos.

Além disso, a presença feminina na produção de horticultura tem vinculado diversos benefícios sociais e econômicos. Com a autonomia financeira gerada pela venda dos produtos, muitas mulheres puderam obter mais independência econômica e melhorar a qualidade de vida das suas famílias, em especial na vida dos filhos a quem elas tanto prezam.

É significativo destacar que essas mulheres compõem diversos segmentos do mercado de trabalho no assentamento Areias, além de serem produtoras rurais, o local conta com as professoras, as agentes de saúde, costureiras, manicures, proprietárias de bares, dentre outras atividades. Essas mulheres são essenciais neste processo de construção social e econômica do local.

Ressalta-se novamente que o grupo de produtores do Areias conta com certificação de orgânicos conquistada através da APOMS, este selo contempla a produção de tomate, limão taiti e fruticultura, com o trabalho coletivo que não é algo fácil, mas é um quesito significativo

para o sucesso do grupo, até porque com o decorrer dos anos o grupo foi diminuindo o quantitativo de participantes.

Diante desse emaranhado de funções ainda se faz necessário pontuar os saberes populares das mulheres, como o uso de plantas com propriedades medicinais, práticas de agricultura sustentável, entre outras técnicas de valorização e sustentabilidade.

3.4 Protagonismo Feminino no Assentamento Areias...Outras Vidas

O empoderamento feminino é conquistado por meio de luta constante em que mulheres buscam direitos a partir de reivindicações, conscientizando outras companheiras a lutarem pela igualdade entre os gêneros em diversos cenários sociais. Indiretamente, incentivam os homens a perceberem que, na sociedade atual, se faz necessário que essa luta não seja apenas da mulher, mas de todos.

As ações de conscientização promovidas podem atender as necessidades de diversos grupos, principalmente as dos mais vulneráveis social e economicamente, proporcionam a compreensão e a prática de princípios fundamentais para uma construção social, justa e democrática.

No entanto, o conceito pode ser utilizado de maneira equivocada e apropriado por correntes liberais, seja pela mídia, por governos e grupos sociais diversos, investindo em sistemas meritocráticos e individualistas voltados ao mercado, mantendo a hegemonia da opressão das mulheres no sistema patriarcal que se retroalimenta por relações de poder androcêntricas. Isso quer dizer, que o próprio sentido e significado de empoderamento pode ser utilizado como “paliativo” e acoberta as discriminações e violências continuadas historicamente. Conforme Butler.

[...] A presunção política de ter de haver uma base universal para o feminismo, a ser encontrada numa identidade supostamente existente em diferentes culturas, acompanha frequentemente a ideia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal ou masculina. A noção de um patriarcado universal tem sido amplamente criticada em anos recentes, por seu fracasso em explicar os mecanismos da opressão de gênero nos contextos culturais concretos em que ela existe. [...] (Butler, 2008. p.16)

A autora propõe uma análise sobre a importância de refletir sobre o conceito de gênero, considerando as especificidades e o contexto no qual a mulher está inserida. Pois sabe-se que a opressão contra as mulheres pode ser manifestada de diversas maneiras,

destarte, não é possível uma única abordagem.

A questão em debate é a libertação pessoal e coletiva, a capacidade de tomar decisões em prol da própria vida e do grupo, especialmente as mulheres “submetidas a própria sorte” e em condições de exclusão e opressão. Espera-se que as mulheres, ao se apropriarem do sentido do empoderamento, contra a dominação masculina, possam tomar suas próprias decisões e buscar a sua satisfação, sem a preocupação com aquilo que está impregnado no âmbito social, ou seja, pré-estabelecido como modelo a ser assimilado.

No decorrer dos anos, através de lutas que marcam a história contemporânea das mulheres, alguns êxitos têm sido obtidos como o direito ao voto, direito à liberdade de expressão, direito à informação, educação, privacidade, participação política. Embora muitas conquistas tenham sido alcançadas, ainda há muito trabalho a ser feito para combater a desigualdade de gênero em todo o mundo.

Uma das questões em jogo é a representação das mulheres nos cargos políticos e de liderança. Constatase que as mulheres ainda se sentem incapazes de fazer um enfrentamento com sexo masculino, ou são impedidas de alimentar este sentimento por inúmeras barreiras que as impedem de participar ativamente dos pleitos políticos, de associações e fóruns, dentre outros espaços decisórios. Conforme entrevista realizada com a senhora Maria Aparecida.

[...] As mulheres têm pouca oportunidade. Aqui dentro, pelo que eu vejo, os homens saí mais. Agora as mulheres têm muita coisa que é aqui dentro mesmo. Até os projetos a maioria é dos homens, nos mulher recebeu só uma vez 3.500 reais que foi o fomento. Eu acho que se tivesse mais mulher nas associações e nos grupos de produtor, logico que tinha que escolher as mulheres que tem a capacidade de administrar, porque tem umas que também, não tem, então tem que saber eu acho que teria sim, mas tinha que saber qual as mulheres que iam colocar. [...] (Maria Aparecida. Entrevista realizada em 20/12/2023).

Com a narrativa da entrevistada é possível refletir sobre a falta de oportunidade para as mulheres, especificamente na área de associações e grupos de produtores, ela pontua que a maioria dos projetos são liderados pelos homens, isso demonstra a tamanha desigualdade enfrentada pelo sexo feminino dentro do contexto atual. As mulheres, exercem as mesmas funções masculinas, no entanto não têm direitos iguais de acessar os mesmos créditos e financiamentos liberados para os homens.

A entrevistada argumenta que, se houvessem mais mulheres envolvidas nesse processo organizacional, seria melhor pois são conhecedoras de suas demandas. Ela pontua a importância de optar por aquelas que têm os conhecimentos e as habilidades administrativas

necessárias, reconhece que nem todas as mulheres as possuem até mesmo porque sabe-se que lhes é negado. Discorre que, se selecionadas com base em critérios adequados, a presença feminina poderia trazer benefícios para esses espaços. Ressalta, ainda, a necessidade da inclusão de mais mulheres em posições de liderança. Isso evidencia a importância de investir em igualdade de gênero e garantir que todas as pessoas, independentemente de seu gênero, tenham oportunidades justas de participar e contribuir para a sociedade.

É notável que as mulheres ainda estão sub representadas nos cargos políticos, executivos e acadêmicos em todo o mundo, e em alguns países mais intensamente que em outros. Isso limita a influência das mulheres nas decisões que afetam suas próprias vidas e suas representações, o que pode (re)fortalecer ciclos de desigualdade e privação.

Outro aspecto importante das reflexões sobre gênero é a prevalência da violência de gênero. As violências física, sexual e psicológica contra as mulheres continuam sendo uma realidade alarmante, e é uma das principais barreiras para a plena liberdade e igualdade para elas, ou seja, cria-se uma fronteira rígida ao empoderamento dessas mulheres, aumentando a desigualdade de gênero. Elas enfrentam ameaças de violência e violações dos seus direitos, o que parece estar generalizado na sociedade. Conforme aponta Gomes (2007).

[...] As relações de gênero, além de assumir características específicas dependendo da cultura na qual se situam, também dependem do grupo social ao qual pertençam, da raça, da idade, da região, se é urbana ou se é rural, e do momento histórico na qual essas relações têm lugar. É por essa razão que a opressão e a exclusão que atingem as mulheres das camadas mais pobres da população são diferentes daquelas das camadas que detém o poder social político. A mulher pobre tem mais dificuldade de ser ouvida socialmente. [...] (Gomes, 2007, p. 90)

A questão da igualdade salarial também é um tema imprescindível nas discussões sobre gênero e poder. As mulheres continuam a enfrentar disparidade salarial em muitos campos de trabalho, elas recebem menos que os homens e fazem os mesmos trabalhos. Essas reflexões evidenciam a urgência em enfrentar tais questões e promover uma mudança sustentável e progressiva na busca pela igualdade de gênero e o empoderamento efetivo das mulheres. Avançar nessa luta deve levar em conta não apenas a mudança de comportamentos e atitudes individuais, mas também a implementação de políticas e sistemas que promovam e sustentem a igualdade de gênero.

Essa realidade está enraizada nos assentamentos rurais, sendo que as políticas de reforma agrária não levam em consideração as necessidades específicas das mulheres, ignorando suas demandas por creches, escolas e atendimento de saúde adequado, os casos de

violências de gênero, doméstica e contra crianças. Como resultado, as mulheres rurais estão mais vulneráveis à pobreza e à exclusão social, e suas lutas pelo acesso à terra e a outros recursos são frequentemente ignoradas pelos governos e pelas elites locais. É fundamental que as políticas de reforma agrária reconheçam a importância das mulheres no setor agrícola e incluam seus interesses de forma ativa e efetiva, como aponta a assentada Maria Aparecida que narra uma dificuldade enfrentada pela comunidade em geral, em especial as mulheres nos dias de atendimento médico no assentamento:

[...] É muito ruim quando uma vez ou outra o médico vem nos atender, da minha parte eu já até comentei um dia aqui, ali na sede quando o médico vem eles o colocam na varanda, lá no espaço livre ali no barracão, para consultar as pessoas. Às vezes tem coisa que você quer falar, você não pode falar ali porque todo mundo escuta. Tem que ser um quatinho separado. Eu ainda falei tem uma cozinha enorme ali, põe ele lá ou dentro da igreja. E ainda ele nem está vindo, já falei se fosse por mim se eu tivesse mais apoio eu preferia construir um posto de saúde aqui dentro um postinho não precisa ser muito grande só porque não acho certo ficar falando para todo mundo escutar. Lá na cozinha tem ventilador com tudo ele não fica lá dentro abre a janela porta tudo ali não era bom para consultar as pessoas tem que ser lá outra coisa eu queria um negócio daqueles dos velhos fazer exercício, uma academia aquilo eu já pedi uma vez para um vereador, se quisesse dou um pedaço aqui do meu lote para fazer e pouquinho espaço. [...] (Maria Aparecida. Entrevista realizada em 20/12/2023.)

A narrativa concretiza a tamanha insatisfação da comunidade com o atendimento oferecido pelo poder público no âmbito da saúde, a falta de privacidade durante o atendimento médico provoca um descontentamento. A entrevistada relata a importância de um espaço adequado que atenda a demanda das assentadas, a necessidade da construção de um espaço exclusivo e apropriado onde as consultas possam acontecer sem constrangimento e com respeito à intimidade das mulheres.

Ela acredita que a construção de academia com aparelhos para exercícios físicos que atenda às necessidades dos idosos seria algo satisfatório e é visível a preocupação com a qualidade dos serviços de saúde e o bem-estar da comunidade. Isso atesta a falta de políticas públicas em diversos contextos sociais, um problema que afeta diversas áreas e segmentos da população.

A ausência de ações governamentais efetivas que correspondam às demandas sociais, principalmente no campo, deixa grande parte da população desamparada e vulnerável, e existe uma precarização no atendimento de serviços essenciais para a população com muito descaso por parte do poder público. A falta de investimentos nos principais setores sociais como saúde e educação torna-se inadmissível, o que aumenta a desigualdade e vulnerabilidade sociais das

populações de baixa renda, com recorte de raça, gênero, etnia, as mais afetadas, dentre elas a do campo.

As mulheres do assentamento Areias, após reivindicações, conquistaram atendimento médico semanalmente, entretanto, foi extinto, após alguns meses. Atualmente, precisam se deslocar para a cidade de Nioaque ou para outro assentamento e percorrem aproximadamente 30 quilômetros em busca de atendimentos básicos para realização de exame, Papa Nicolau, que é de extrema importância para a sua saúde da mulher. Infelizmente, muitas delas são diagnosticadas com alguma doença, tardiamente, não havendo mais tempo para tratamento e com isso perdem a vida.

Conforme Rago (1998), é importante questionar o conhecimento produzido a partir das narrativas dominantes, visto que a história oficial é predominantemente contada sob a ótica masculina, heterossexual e branca, resulta em uma perspectiva limitada e excludente das vivências feministas. Faz-se necessário desconstruir essa visão, sendo relevante inquirir as formas como o conhecimento é produzido e disseminado para sociedade, e focar na contribuição feminina, valorizando-a. E esses conhecimentos são a base para a criação e implementação das políticas públicas, inclusive nos assentamentos de reforma agrária e o Areias não está imune.

A autora aponta diversos fatores socioeconômicos e culturais na construção das hierarquias de gênero que afetam o desenvolvimento pessoal e profissional das mulheres. É primordial promover ações educativas que incentivem a igualdade de oportunidades entre os gêneros (raça, classe e orientação sexual), além de criar maneiras de combater todas as formas de opressão abarcando as dimensões das identidades.

Essas alternativas podem se concretizar por meio de cursos de formação técnica e científica, acesso à educação pública e de qualidade em todos os níveis, com trabalho reconhecido e bem remunerado, moradia de qualidade, dentre outras necessidades, e tais alternativas quase não alcançam as mulheres do assentamento Areias, ou chegam precariamente e exigem esforços intensos para que possam usufruí-las. Por tudo isso, o empoderamento dessas mulheres é um percurso lento, contínuo e exige esforços individuais e coletivos.

Sardenberg (2006) trata do conceito do empoderamento na perspectiva feminista. A autora argumenta que o empoderamento não é uma ação individual, mas sim um processo coletivo que envolve a luta por direitos e transformações sociais. Além disso, ela destaca que o empoderamento está muito associado à emancipação feminina, sendo que as mulheres

precisam se tornar protagonistas de suas próprias vidas com capacidade de tomar suas próprias decisões.

A autora defende que é preciso desnaturalizar as desigualdades e questionar as estruturas patriarcais para, efetivamente, alcançar o empoderamento feminino. As sociedades patriarcais são aquelas em que o homem exerce poder sobre as mulheres e, na maioria das vezes, a presença feminina é reduzida e frequentemente subjugada. Essa estrutura social tem raízes profundas na história da sociedade e foi passada de geração para geração, inclusive pelas próprias mulheres que se sentem “diminuídas” diante dos homens. Embora esse debate tenha avançado, o patriarcado está arraigado na estrutura social.

As mulheres são, frequentemente, vistas como inferiores aos homens, sempre exercendo funções secundárias. A falta de políticas públicas específicas para atender as necessidades femininas as coloca em posição inferior aos homens, forçando posições de subordinação à figura masculina. Outra consequência das sociedades patriarcais é a violência contra as mulheres, essas sociedades promovem a ideia de que as mulheres são menos importantes que os homens e, portanto, não merecem o mesmo nível de respeito e proteção.

Além disso, a violência contra as mulheres é, em muitos casos, tolerada ou desculpada, o que perpetua ainda mais esses comportamentos inadequados, colocando a mulher como responsável por viver em ambientes tóxicos e violentos, alienando-as a comportamentos de obediência, dependência econômica, naturalizando a violação de direitos básicos e comportamento sexual controlado, entre outros, como acreditar que é a única responsável pela criação e educação dos/as filhos/as e de fazeres domésticos.

Por fim, as sociedades patriarcais limitam as alternativas para o empoderamento feminino quando uma parte significativa da população é impedida de alcançar seu potencial, toda a sociedade sofre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir as reflexões sobre o processo de empoderamento feminino no assentamento Areias, tornou-se perceptível a necessidade de levar esse debate às comunidades rurais de modo e que as mulheres envolvidas na pesquisa ainda apresentam certo desconhecimento sobre o assunto, mesmo fazendo parte um processo de luta e fortalecimento enquanto trabalhadoras rurais ou exercendo outras profissões.

Cabe ressaltar que esses assuntos deverão ser abordados dentro das comunidades rurais, a partir da ótica que as mulheres são indispensáveis para construção de uma sociedade justa e democrática, que atuam na formação social, além de serem sujeitas de direitos. Faz-se necessário romper o silêncio enraizado na sociedade, ouvir, reconhecer e valorizar as vozes ativas e autônomas das mulheres.

É fundamental mostrar para as mulheres assentadas o seu poder de organização e articulação, e o diálogo coletivo é um dos caminhos para que as lideranças femininas atuem no assentamento, visto que elas não reivindicam direitos apenas para mulheres, mas rompem barreiras de preconceitos para todos/as, independentemente de seu gênero ou posição social. Mostrar que a participação ativa das mulheres na agricultura, em atividades rurais ou exercendo outras profissões é imprescindível para o desenvolvimento sustentável do campo, dos assentamentos e de áreas produtivas de alimento.

Nas narrativas registradas, verifica-se a necessidade de implantação de outros projetos, programas ou iniciativas que têm sido bem-sucedidos em outros âmbitos sociais referentes a ações de empoderamento e na promoção da igualdade de gênero nos assentamentos rurais. Isso pode incluir a implementação de políticas inclusivas, a criação de grupos de mulheres, programas de capacitação e a conscientização sobre os direitos das mulheres. Diante da pesquisa foi possível perceber muitos desafios enfrentados pelas mulheres como a vida no acampamento, os obstáculos que elas enfrentaram para o acesso à terra e continuam enfrentando para nela permanecerem.

Os recursos financeiros, o direito à educação, à saúde e à moradia, a renda digna, dentre outros direitos humanos essenciais, continua no horizonte por não corresponderem à realidade do assentamento Areias. É de extrema importância que os governos, organizações não governamentais, comunidades locais, e as próprias mulheres possam trabalhar em parcerias, promovendo ações efetivas que avancem e incentivem o empoderamento feminino e a igualdade de gênero nos assentamentos rurais.

A partir das leituras e entrevistas realizadas ao decorrer da pesquisa, ressalta-se que as mulheres foram fundamentais no acampamento de sem-terra e exerceram funções significativas nas lutas e nos movimentos de resistência pela conquista da terra e justiça social. Elas fizeram parte da organização de atividades cotidianas de planejamento e a liderança nas lutas, criaram espaços de resistência e articulação política.

Após a conquista da terra, as mulheres continuam enfrentando desafios específicos da vida no assentamento, a violência, a discriminação, o preconceito social, uma vez que o trabalho na terra é visto como uma função exclusivamente masculina, a mulher tem que reproduzir, cuidar dos filhos e das atividades domésticas. Mas mesmo assim, elas não medem esforços para lutarem por seus objetivos, contra esses modelos impostos pela sociedade capitalista e patriarcal.

As mulheres são protagonistas na luta por direitos e na construção de um mundo mais justo e igualitário, e para este grupo especificamente, a terra é o lugar de resistência e reivindicação do bem viver. Por isso, no assentamento Areias, a presença e participação ativa das mulheres na tomada de decisões coletivas e enfrentamento das adversidades, na inclusão de outras mulheres, contribuem para a diversidade de pensamentos, experiências e propostas, enriquecendo o contexto social e tornando-o mais acolhedor e justo.

Ao passarem pelo acampamento sem-terra, as mulheres iniciam o rompimento com os estereótipos de gênero, contribuem para a promoção da igualdade de gênero e para a desconstrução de valores e comportamentos exigidos como obrigatórios considerando a formação biológica dos corpos masculinos e femininos.

Com a chegada ao assentamento, a luta pela permanência na terra é intrinsecamente conectada com a luta por igualdade de direitos, justiça e inclusão social, e a participação das mulheres é um passo nesse caminho. Sabemos que ainda há uma longa trajetória a ser percorrida pelas mulheres, que não se cansam de reivindicar a sua participação igualitária, valorizar suas contribuições e assegurar que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas.

Somente assim poderemos construir um movimento forte e unido, capaz de alcançar suas demandas e de transformar a sociedade em prol de uma justiça social efetiva que respeite o indivíduo, independente da sua orientação sexual, classe, etnia, raça, cultura.

As mulheres não podem e nem devem ser vistas como concorrentes dos homens, mas parceiras em todos os âmbitos sociais, contra as variadas injustiças, de modo que a sociedade possa respeitar as escolhas individuais e que cada sujeito possa escrever sua história como almejar, com respeito e liberdades para todos/as. Almejamos que todas as

mulheres possam se vestir, frequentar espaços diversos, trabalhar onde desejarem. Que as mães possam ter liberdade para amamentar seus filhos/as onde e como quiserem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rosemeire Ap. A sociologia da prática de Bourdieu e o campesinato. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros** – Seção Três Lagoas – MS, v 1 – n.3 – ano 3, maio de 2006.

ALVES, A. E. S; SILVEIRA, I. T. LIMA, E. R; BARBOSA, J. P. **Divisão Sexual do Trabalho em Comunidades Rurais**. João Pessoa, 2012.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo. Coleção Passos. 1981

AMORIM, M.J.P. Espaços Femininos: gênero e identidade em comunidades rurais na Amazônia. In: ÁLVARES, M.L.M.; SANTOS, E.F (Org.). **Desafios de Identidade: Espaço Tempo de Mulher**. Belém: CEJUP: GEPEM REDOR, 1997.

<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/50779965/mapa-embrapa-e-ibge-apresentam-os-dados-sobre-mulheres-rurais>

BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira. A realidade dos assentamentos rurais por trás dos números. **Estudos avançados**. 1997.

BERTH, Joice. Ninguém se empodera sozinho se o grupo não estiver empoderado. Brasil de fato entrevista. Março de 2020.

BORGES, Maria Celma e KUDLAVICZ, Mieceslau. **História e vida da CPT no Mato Grosso do Sul**: Contribuição na luta pela terra e para nela permanecer. BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Gênero, Agricultura Familiar e Reforma Agrária no Mercosul. Brasília: MDA, 2006 (série NEAD Debate, n.9).

BRANCO, Samantha Castelo. **História Oral**: Reflexões sobre aplicações e implicações. Revista Novos Rumos Sociológicos. vol.8, n. 13/ jan/jul/2020.

BRASIL. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-03/mais-de-18-milhoes-de-mulheres-sofreram-violencia-em-2022#:~:text=A%20pesquisa%20mostrou%20que%2046,foi%20de%2037%2C9%25>. Acesso as 18:58 em 08/07/2023)

BRAZ, Jaqueline Pardino. **Transformações urbanas e rurais no município de Nioaque/MS com a criação dos assentamentos de reforma agrária**. 2022. 220 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS. 2022.

GRACIELLI, Adriana Alves et.al. **Organização do trabalho na produção de mel: um estudo de caso no assentamentos Areias**. Seriema Industria Grafica e Editora Ltda-EPP, Dourados MS/2017.

BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grandedo

Sul. **Revista Estudos Feministas**, CFH/CCE/UFSC, vol. 12, n. 1: p. 205-27, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Coleção Sujeitos e História. Tradução de Renato Aguiar Revisão Técnica de Joel Birman 16. ed. Rio de Janeiro 2018. Civilizações Brasileira.

BUTTO, A; HORA, K. E. R. **Mulheres e Reforma Agrária e experiência recente no Brasil**. MDA. Brasília, 2008.

CALDART, Roseli Salete. **O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. Dossiê Desenvolvimento Rural** • Estud. av. 15 (43) • Dez 2001 • <https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000300016>

CAMACHO, Rodrigo Simão. Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA, Presidente Prudente/SP, Brasil. ISSN: 1806-6755 **Revista NERA**, v. 25, n. 62, p. 22- 50, jan.-abr., 2022. DOI: 10.47946/nera.V0i62.7850

CARNOY, Martin. **Estado e Teoria Política**. (equipe de trad. PUCCAMP) 2. ed. Campinas: Papirus, 1988. [pp. 19-62]

CARVALHO, Horácio Martins; COSTA, Francisco de Assis. **Agricultura Camponesa**. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Expressão Popular, 2012.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 20 de agos. 2012.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica** (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA – CPT. **Lutas dos trabalhadores rurais em Mato Grosso do Sul (1978-1992): a participação da Comissão Pastoral da Terra (CPT)**. (mimeografado) Campo Grande. 1994.

_____. Documentos em acervo digital da Comissão Pastoral da Terra disponível no link www.cptms.org.br / CEDOC Alfeu Pradel

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Rosalia. Pesquisa Qualitativa; Reflexões, sobre o Trabalho de Campo. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. **Caderno de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, março de 2002.

DURVAL, H. C; FERRANTE, L. S. B. **Assentamentos Rurais no Circuito da Resistência: invertendo papeis?** Porto de Galinhas - BA, 2010. Pesquisa desenvolvida pelo CNPq/Depto. de História

DUVAL, H. C. **Da Terra ao Prato: um estudo das práticas de autoconsumo em um assentamento rural**. 2009. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural).

Universidade Federal de São Carlos, Araras, 2009.

EMBRAPA. Disponível em: (HTTPS://www.embrapa.br/busca_de-noticias. Acesso em: 07/06/2023 às 09h13min). [...]

FARIAS, Marisa de Fatima Lomba. (Organizadora) **Relações de Gênero: Dilemas e perspectivas**. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009.

FERRANTE, L. S. B; DUVAL, H. C. **Mulheres assentadas na região central do estado de São Paulo: apresentando dados de pesquisas**. <http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/17redor/paper/viewFile/254/112>.

GALIZONI, F. M; RIBEIRO, E. M. **Trabalho Feminino na agricultura Familiar do Alto Jequitinhonha**. Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

GONZALEZ, Lélia **Racismo, Sexismo na Cultura Brasileira**, Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244. Rio de Janeiro, 1984.

GRASSIELI, Adriana Alves. *et al.* **Organização do trabalho na produção de mel: um estudo de caso do assentamento Areias**. In. MENEGAT, Alzira Salete. Extensão rural e produção animal e vegetal em lotes de assentamentos rurais e sítios de colonização em Mato Grosso do Sul. Dourados, MS: Seriema, 2017.

HOLANDA, Heloísa Buarque. **Pensamento feminista hoje: Sexualidade no Sul Global**. Bazar do tempo. Rio de Janeiro, 2020.

LAMARCHE, H. A agricultura familiar. Campinas: UNICAMP, 1993. LUXEMBURGO, Rosa. **Acumulação da Capital** (1913), São Paulo, Nova Cultura, 1985.

MARTINS, Heloisa Helena de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p.289-300, maio/ agosto. 2004.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, V.S. **Lugar da Morada: a constituição do lugar de viver de famílias rurais no contexto de assentamentos da reforma agrária**. 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MELO A. **Injustiças de Gênero da Mulher na Agricultura Familiar**. Ouro Preto MG, 2002. Disponível em: www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_Gen_PO9 Albuquerque texto. Acesso em: 05 de novembro de 2022.

MENEGAT, Alzira. Salete. **Mulheres assentadas e suas lutas**. In: ALMEIDA, Rosemeire Aparecida, Org. A questão agrária em Mato Grosso do Sul: uma visão multidisciplinar. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008.

DALMOLIN, José Vicente. **Nioaque e as raízes dos movimentos da divisão do Estado de Mato Grosso – 1889 – 1901**. 16 de abril de 2016. Disponível em:

<https://nioaquehistorias.blogspot.com/2016/04/nioaque-e-as-raizes-dos-movimentos-da.html?zx=dc312ed105b39cc7>. Acessado em 11/05/2024 às 05h 55 min.

MENEGAT, Alzira. Salete. **No coração do Pantanal: assentados na lama e na areia: as contradições entre o projeto do estado e dos assentados no assentamento Taquaral-MS.** Dourados, MS: Ed. UEMA: Ed. UFGD, 2009.

MIRANDA, José Eurico et al Kudlavicz, Mieceslau. **A luta pela terra em Mato Grosso do Sul (1978- 1992):** A participação da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Editora UFMS. Revisto em 17 de maio de 2000. Grande- MS.

MORENO, Gislaene. **Os descaminhos da apropriação capitalista da terra em Mato Grosso.** Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.

NARDOQUE, Sedeval; MELO Danilo Souza; KUDLAVICZ, Mieceslau. **Questão agrária em Mato Grosso do Sul e seus desdobramentos pós-golpe de 2016.** OKARA:Geografia em Debate (UFPB), v. 12, João Pessoa, 2018.

NUNES, Fabio Pereira. **Viver a velhice no Assentamento Colônia Conceição no município de Nioaque, em Mato Grosso Sul.** 2020, Dissertações de Mestrado. Universidade Federal da Grande Dourados.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A Longa Marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária.** Estudos Avançados. vol. 15 n. 43 – São Paulo, Set/ Dec. 2001.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária.** 1. ed., FFLCH, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, M. L. **Feminismo, Gênero e Vida Cotidiana das Mulheres do Semiárido Paraibano.** Paraíba-PB. Universidade Federal da Paraíba/Cunhã, 2007.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero:** os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

PEREIRA, Marina Santos. **Mulheres do campo: entre sonhos e realidades.** 2015. 98f. (Mestrado em Sociologia). - FCH, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS. 2015.

POTYARA, A. P. Pereira. **Política Social temas e Questões.** São Paulo: Editora Cortez. 2009.

RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história.** Departamento de História da UNICAMP. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

REVISTA NERA. **A luta pela terra em Mato Grosso do Sul: o MST e o protagonismo da luta na atualidade.** v. 20, n. 39, p 133-160, Dossiê, 2017.

RICCO, André Alexandre de Freitas. **Reforma Agrária; dilemas dos assentamentos rurais de Mato Grosso do Sul.** 2020-Dialética.

SARDENBERG, Cecília M.B. I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres. Projeto TEMPO, NEIM/UFBA, em Salvador, Bahia, de 5-10 de junho de 2006.

SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosimeire (Org.). **Agricultura familiar e Gênero: Práticas, Movimentos e Políticas Públicas.** Editora Universitária-UFPE, Recife, 2006.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **A terra no imaginário dos migrantes temporários.** Universidade Federal de São Carlos. 2009

SILVA, S. H. da; ROCHA, S. D. **A divisão do Trabalho na agricultura Familiar na Amazônia: “o trabalho feminino na Amazônia”.** Amazônia, 2010.

TELES Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

VERGES, Françoise. **Um feminismo descolonial**, 2019, p. 27, disponível em [HTTPS://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/03/Um-feminismo-decolonial.pdf](https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/03/Um-feminismo-decolonial.pdf) acesso em 28/05/2023

WIRTH, Louis tradução de Marina Corrêa Treuherz, **Urbanismo como modo de vida**, p. 93. 1967, Rio de Janeiro. “Urbanismo como modo de vida”, The American Journal of Sociology, vol. XLIV, n.º 1, julho de 1938. Copyright © pela University of Chicago Press.

WORTMANN, E.F. **Da dependência à complementaridade.** Anuário Antropológico, Brasília, n.79, UnB, 1993.

ZANCHETT, Stella Adriana. **Estratégias de comunicação da comissão pastoral da terra: Uma Análise A Partir do Dossiê Santa Idalina.** Dissertação de mestrado. Dourados – MS 2017

FONTES ORAIS

ENTREVISTA. **Cleuza Gonçalves de Oliveira** (Áudio -mp3). Produção: Joenilza Santos da Silva. Assentamento Areias. 02/04/2023. 2h e 05 min. (aprox.). som

ENTREVISTA. **Izaura Gonçalves Reis.** (Áudio -mp3). Produção: Joenilza Santos da Silva. Assentamento Areias. 11/06/2023. 2h e 10 min. (aprox.). som

ENTREVISTA. **Maracilva Damasceno Ferreira de Barros.** (Áudio -mp3). Produção: Joenilza Santos da Silva. Assentamento Areias. 15/01/2023. 1h e 20 min. (aprox.). som

ENTREVISTA. **Maria Aparecida Bezerra** 20/12/2023. (Áudio -mp3). Produção: Joenilza Santos da Silva. Assentamento Areias. 1h 55 min. (aprox.). som

ENTREVISTA. **Maria Cleusa dos Santos** 12/12/2023. (Áudio -mp3). Produção: Joenilza Santos da Silva. Assentamento Areias. 1h 33 min. (aprox.). som

ENTREVISTA. **Marina Veríssimo de Araújo** 16/12/2023. (Áudio -mp3). Produção: Joenilza Santos da Silva. Assentamento Areias. 50 min. (aprox.). som

ENTREVISTA. **Maria Rosa Nascimento** 13/12/2023. (Áudio -mp3). Produção: Joenilza Santos da Silva. Assentamento Areias. 1h 30 min. (aprox.). som

ANEXO I

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO/FCH

MESTRADO EM SOCIOLOGIA FORMULÁRIO

Formulário aplicado às mulheres assentadas no Assentamento Areais Nioaque/ MS localizado na BR 419 km 49, referente a pesquisa da mestrandia Joenilza Santos da Silva como requisito para desenvolvimento da dissertação intitulada O empoderamento feminino no desenvolvimento socioeconômico do assentamento Areias, sob orientação da professora Marisa Lomba de Farias.

Data de aplicação:___/___/___

Nome da entrevistada (a):___ Dados pessoais:

1- Idade:_____	2- N° de filhos _____
3. Estado civil _____	4. Ocupação: _____
4- Grau de escolaridade:	
() fundamental incompleto	() fundamental completo
() ensino médio incompleto	() ensino médio completo
() superior incompleto	() superior completo
() pós-graduação	() Outros / Qual?___
() Sem grau de instrução	

1. Em que ano você entrou para o programa de Reforma Agrária?
2. Quais são as principais atividades que as mulheres desenvolvem dentro do assentamento?
3. Existe algum programa de formação e capacitação específicas para mulheres dentro do assentamento?
4. Quais ações podem ser efetivadas para promover a igualdade de gênero e o empoderamento feminino dentro do assentamento?
5. Você foi contemplada com algum projeto do governo que seja específico para a mulher?

ROTEIRO

1. As mulheres dentro do assentamento de reforma agrária têm acesso às mesmas oportunidades e aos mesmos recursos que os homens?
2. Existe alguma iniciativa específica para promover o empoderamento feminino dentro do assentamento? Se sim, quais são elas?
3. Você acredita que as mulheres têm voz e participação ativa nos processos de decisão dentro do assentamento?
4. Como as mulheres têm se organizado para enfrentar os desafios e as barreiras que enfrentam dentro do assentamento?
5. Na sua opinião, a participação ativa das mulheres na gestão do assentamento é fundamental para seu sucesso e desenvolvimento?
6. Como você avalia a sua importância para criação deste assentamento?
7. Quais são os aspectos mais desafiadores na sua rotina diária?
8. Como é sua rotina diária de trabalho e como ela contribui para sua produtividade?
9. Qual sua concepção de trabalho?
10. Qual seu olhar sobre o processo de empoderamento feminino no contexto social?